

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N^o 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

“TEATRO INVISÍVEL”: RADIONOVELAS EM UBERLÂNDIA-1940/1960

MITSKO OTA VIEIRA

MITSKO OTA VIEIRA

“TEATRO INVISÍVEL”: RADIONOVELAS EM UBERLÂNDIA-1940/1960

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Newton Dângelo.

Uberlândia, Janeiro de 2005.

MITSKO OTA VIEIRA

“TEATRO INVISÍVEL”: RADIONOVELAS EM UBERLÂNDIA-1940/1960

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Newton Dângelo – Orientador

Prof. Dr. Renata Meira

Prof. Ricardo Golovaty

Vieira, Mitsko Ota, (1975).

Radionovelas em Uberlândia: Teatro Invisível de 1940 a 1960

Mitsko Ota Vieira – Uberlândia, 2005

88fls

Orientador: Prof. Dr. Newton Dângelo

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Radionovelas

DEDICATÓRIA

*“Aos meus pais Elias e Iraci,
minhas irmãs Eliane e Lú, meu
cunhado Helder e ao meu amor
Alex muito obrigado pela força”.*

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Uberlândia e ao Departamento de História pela oportunidade de realizar este curso.

Ao Prof Newton Dângelo que com o auxílio e esclareceu as dúvidas.

A professora do curso de Artes Cênicas Renata Meira que ajudou no trabalho de pesquisa.

Agradeço também ao Arquivo público, principalmente a Jô, Marluce, e Valéria que colaboraram para a pesquisa.

Às colegas pela força, Tânia, Vanessa e em especial agradeço a Helô por quem tenho um carinho muito especial.

Às pessoas que cederam as entrevistas Sr Osvaldo, Sr Alfredo Tucci, D. Inês.

E principalmente agradeço a Liliane pelo carinho e interesse demonstrado pelo trabalho e, que com muita paciência leu e releu diversas vezes o trabalho.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
CAPÍTULO 01 – Radiofonia e Cidade em Uberlândia.....	12
CAPÍTULO 02– Dantas Ruas e as Radionovelas.....	27
CAPÍTULO 03 – Teatrinho de Sonho.....	43
Considerações finais.....	80
FONTES.....	82
BIBLIOGRAFIA.....	83
LISTA DE IMAGENS:.....	

INTRODUÇÃO:

O grande desenvolvimento mundial da história cultural, nas últimas décadas, colaborou para que os historiadores renovassem seus métodos de investigação científica e ocorressem inúmeras mudanças na abordagem documental e nos objetos de pesquisa. Estas mudanças na análise dos documentos e na metodologia permitiram aos historiadores incluírem múltiplas linguagens em suas análises, inclusive as manifestações artísticas na qualidade de fontes. Burke (1996), afirma que: “Essa nova história cultural é às vezes chamada história” sócio-cultural “para distingui-la das histórias mais tradicionais da arte, da literatura e da música”.

O interesse pelo estudo da história cultural foi despertado em nós durante o curso de graduação em História na Faculdade de História da Universidade Federal de Uberlândia, M.G. No decorrer desse curso, surgiram questões que perpassavam o universo radiofônico, e essas questões nos inquietavam. Qual seria a reação do público, quais seriam seus comportamentos diante dessa modernidade? Seria somente de alienação e acomodação ou teria formas de resistências frente a esses meio de comunicação?

As primeiras impressões que tínhamos a respeito dos meios massivos eram as seguintes: as mensagens veiculadas nos meios de comunicação de massa, entre eles, o rádio, a televisão, o cinema, os jornais, acabavam manipulando e dominando as pessoas. Considerávamos que os únicos agentes dos meios de comunicação massivos fossem, de um lado -os emissores chamados de dominantes -e do outro, os receptores considerados dominados, pessoas passivas que não ofereciam indícios e resistências, ou lutas e conflitos. Porém, à medida que fomos abordando autores que discutiam temas ligados a história cultural (MARTIN-BARBERO,1997;THOMPSON,1960,1974, ,2002;MARIO VARGAS,1996; GARCIA CANCLINI,1982; BURKE,1995, 1998), percebemos que a dualidade (dominante/dominado, emissor/receptor) tão divulgada, principalmente pelos estudiosos dos meios de comunicação, não conseguia explicar a realidade, uma vez que, além dessa dualidade, existiam questões mais amplas. Acreditamos que

quando as pessoas assistem a esses veículos fazem de forma particular, produzindo sentido para sua vida e para o que vêem, pois tudo é permeado por um universo simbólico recheado de significados, sentimentos e sentidos.

Com isso, foi crescendo em nós o interesse e também a necessidade em se obter maior conhecimento a respeito dos veículos de comunicação de massa, especialmente “o rádio” e a maneira como ele interferia no cotidiano das pessoas, resgatando principalmente a história das radionovelas quando estas se tornaram mais amplamente difundidas.

É importante ressaltar que o interesse por essa pesquisa está relacionado também com a história de vida de uma das pesquisadoras que aborda este trabalho, que cresceu escutando histórias de radionovelas, contos, narrativas, interessantes recordações e experiências de vida de Dona Martha, avó dessa.

A busca dessas informações e das recordações acerca dessas radionovelas nos remetem ao tempo dessa senhora conhecida por Dona Martha que era apaixonada por dramas novelescos. Mais do que um simples aparelho, o rádio não apenas narrava uma história. Ela vivia aquelas histórias e os horários das radionovelas regulavam as suas tarefas diárias. Ninguém poderia aproximar-se dela naquelas horas, quando sentada numa cadeira de balanço, ouvia o rádio, fazendo crochê, divertindo-se e sonhando com as histórias narradas. Vivenciava aquelas narrativas identificando-se com os sentimentos de cada personagem. Além disso, depois de escutar pelo rádio as novelas preferidas, vinha contá-las aos netos, narrando o que havia acontecido e ainda comentando o que faria se fosse tal ou qual personagem.

Dessa forma, decidimos realizar essa pesquisa, buscando acompanhar a História Cultural de Uberlândia nas décadas de 1940 a 1960, a partir do contexto da produção e divulgação das radionovelas, investigando por meio das entrevistas orais se o rádio e as radionovelas interferiram no cotidiano das pessoas desse período.

Acreditamos que por intermédio da história oral poderíamos trazer à tona a memória dos uberlandenses radiouvintes, funcionários e artistas que trabalharam ou vivenciaram o período, delineando o que representou esse “... **teatro invisível...**”¹ que foi irradiado ao som dos microfones, num período de poucos recursos tecnológicos, num tempo que a sonoplastia ainda estava se desenvolvendo.

Nesse sentido, esse trabalho, procura recompor fragmentos da história dessas radionovelas, trazer à cena as impressões destes sobre o prisma dos sujeitos que vivenciaram o surgimento e o desenvolvimento do rádio. Por meio das fontes orais ligadas àquele ambiente radiofônico procuramos entender o que representou e significou o rádio para estas pessoas, trazendo as lembranças, reacendendo a memória dos que viveram a época do rádio e principalmente das pessoas que ouviam as radionovelas.

Para a realização deste trabalho partimos da pesquisa do acervo de Altamirando Dantas Ruas² localizado no Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

A relevância desse tema se justifica, uma vez que traz a história do rádio e ainda considera a “experiência” de vida de cada um dos entrevistados que viveram naquela época. Acompanhando as experiências dessas pessoas por meio de entrevistas orais, buscamos resgatar a história das radionovelas, e entender o modo de viver, a linguagem, as tensões, os conflitos, as formas de lazer que foram vivenciadas no período e neste espaço urbano de Uberlândia, uma cidade que era divulgada, pelos cronistas de jornais e revistas da época como um espaço em pleno processo de urbanização em contraposição a um passado rural a ser “vencido”. Pretendemos ainda discutir a questão da cultura e o gosto das pessoas daquela época, uma vez que acreditamos que os homens produzem, sobretudo

¹ Expressão do locutor César Ladeira, da Rádio Record de São Paulo, citada em seu livro “Acabaram de Ouvir”. Este trabalho foi apresentado pelo jornal “A Tribuna”, de Uberlândia, em 13/11/1932.

² Dantas Ruas, como era conhecido, trabalhou como radialista e posteriormente na televisão entre 1954 e 1980, guardando grande quantidade de registros relativos à radiofonia e à cidade de Uberlândia. Esses registros escritos serviram como apoio a essa pesquisa. Além das entrevistas orais, utilizamos os registros escritos de Dantas Ruas que são compostos de “scripts” de programas, cartas, radionovelas, e outros materiais que também serviam para dar embasamento teórico à pesquisa. É preciso ressaltar a incomensurável grandeza dessas fontes que servem como memória daquele período.

costumes, leis, línguas, desejos, sonhos que caracterizam um povo e a sua forma de viver.

Assim, no capítulo 01, **“Radiofonia e Cidade em Uberlândia”** buscamos delinear como foi a implantação da primeira estação radiofônica na cidade de Uberlândia, analisando como esta foi recebida pelos habitantes da cidade, pelos veículos de comunicação existentes e pelas elites hegemônicas. Foram observadas os discursos a respeito da rádio pelos diferentes grupos da época, com o intuito de compreender as modalidades e formas de viver numa cidade que foi se urbanizando e ao mesmo tempo incorporando as novas tecnologias, na década de 1940.

No capítulo 02, **“Dantas Ruas e as Radionovelas”** a partir do estudo do acervo de Dantas Ruas procuramos resgatar o material encontrado no arquivo, reconstituindo os fragmentos da história das radionovelas, trazendo à tona as diversas modalidades que deram origens às mesmas, recompondo as matrizes que colaboraram para formação das radionovelas, isto é, resgatamos o circo teatro, o circo crioulo, o folhetim, o teatro de revista, ou seja, todos os materiais que deram origem às mesmas.

No capítulo 03, **Teatrinho do Sonho**: As radionovelas nas falas de locutores, ouvintes, ou seja, as histórias de pessoas que vivenciaram a arte das radionovelas produzidas ao som dos microfones.

CAPITULO 01 - “Radiofonia e Cidade em Uberlândia”

A Cidade de Uberlândia desde a sua fundação foi considerada uma cidade promissora, uma “cidade menina” como nomeavam alguns jornais e revistas e políticos da época.

A Revista Uberlândia Ilustrada³ revela o discurso de Menotti Del Picchia, que esclarece esta visão ufanista da cidade.

“ A urbe é moderna, enorme: uma capital em reserva. Ruas calçadas, industrias prosperas e varias, comercio intenso e moderno. Há lojas de modas que poderiam ser transportadas, sem retoques, para a rua XV de Novembro. Seu principal cinema é tão bom e vasto como o nosso Ufa-Palacio. Falta-lhe ainda um grande hotel, mal transitório, pois estão construindo-o . Possui uma boa emissora local, magníficos hospitais e escolas, soberbos jardins. Estradas vicinais imperfeitas. Ótimo campo de aviação, em vias de ser concluído. À noite, suas ruas têm intenso movimento” .(Nº.05, Junho de 1940).

Getúlio Vargas candidato à presidência do Brasil em 1950 visitando a cidade também utiliza essas imagens em seu discurso, como relatado na Revista Uberlândia Ilustrada.

“Louvor à cidade”

Povo de Uberlândia!

Conheço de longa data o vosso trabalho e sempre o apreciei na justa medida. Não foi outra razão pela qual, depois de visitar este magnífico pedaço do território nacional, pensei que daqui devia partir o movimento de apropriação econômica do Oeste.

Não é por acaso que vim falar em Uberlândia, núcleo de intensa atividade produtora e onde se vem revelando um surto promissora de policultura, orientando no melhor sentido da técnica e da criação selecionada, sendo mesmo a capital econômica do Brasil Central”.(Nº 25, Setembro 1959).

³ A Revista Uberlândia Ilustrada foi uma revista local da cidade de Uberlândia, que acompanhou e registrou seus olhares sobre a cidade desde 1935. Fundada e dirigida pelo prof. Jerônimo Arantes inspetor de ensino da prefeitura municipal, circulou mensalmente em 1935, com o nome de Triângulo de Minas e, após um período de interrupção, voltou a ser publicada trimestralmente a partir de 1939, mesmo ano da inauguração da Rádio Difusora, chegando ao início do ano de 1960.

De acordo com esses documentos encontrados no arquivo de Dantas Ruas, notamos que a cidade era considerada próspera se exaltava o progresso, o comércio local, as novas obras, os edifícios, o asfalto, os novos produtos, por meio das propagandas e anúncios nos alto-falantes que foram amplamente utilizados neste período.

O rádio, neste contexto, parecia consolidar a chegada do progresso, simbolizando uma sociedade local moderna quase tão grande como alguns grandes centros (Rio de Janeiro e São Paulo), e que também seguia os mesmos padrões culturais, econômicos, de produção e consumo próprios aos países desenvolvidos.

A Rádio Difusora Brasileira de Uberlândia, a PRC-6 foi a primeira emissora de rádio, fundada na cidade em 1939. Essa rádio permaneceu sem concorrentes até os anos 1950. A partir de 1952, surgiu a Rádio Educadora, representando mais uma etapa do “progresso” da cidade.

O arquivo de Dantas Ruas contém diversos trechos de *scripts* de locutores que demonstram como foi recebida com entusiasmo a rádio PRC – 6, a documentação encontrada revela como alguns setores se posicionaram frente a isso:

Como se consumam os grandes empreendimentos em Uberlândia!
 Rádio Diffusora Brasileira (PRC-6) um sonho que se concretiza
 (...) Apesar do grande desenvolvimento de Uberlândia, sob todos os aspectos, havia, de há muito, uma lacuna a ser preenchida: - uma emissora – que pudesse levar, através dos ares, o que existe em nossa cidade, sob o ponto de vista cultural e artístico.
 Havia, é bem verdade, uma forte corrente que, de longo tempo se debatia para a realização desse empreendimento, sem, todavia conseguir realiza-lo.
 Foi, então, que o dynâmico Aristides Figueiredo, alicerçado na tenacidade de J O Matos Penteado, iniciou a campanha que finalmente, deveria atingir à meta da Victoria.
 Poucos conhecem, no entanto, como surgiu a idéia da fundação da Radio Diffusora de Uberlândia. Ei-la, em toda a sua simplicidade:
 Já residia em Uberlândia, o incansável Aristides Figueiredo, estabelecido com casa de venda de rádios à longo prazo...
 Foi propostas uma sociedade comercial, tendo a casa de Aristides se transformando em filial de J. O. Matos Penteado, pois que a matriz dessa firma está situada na capital paulista. A frente da filial de Uberlândia, Aristides Figueiredo se desempenhava maravilhosamente.
 Espírito justo e reto, J.O. Matos Penteado, resolve premiar o esforço de Aristides, e o informa que se os negócios continuassem da forma como estava se desenvolvendo, Figueiredo teria o direito a fazer um pedido qualquer:
 'Eu quero que o amigo me ajude a lançar em Uberlândia uma estação emissora'. E assim foi, Figueiredo de um lado, lutando, realizando, vencendo toda uma serie de obstáculos; Matos Penteado, de outro, com o seu apoio, estimulando, incentivando a iniciativa feliz desse jovem cheio de vigor e empreendedor.
 Lutas infintas, dificuldades, tudo, pouco a pouco se foi removendo, até que, a 28 de Agosto de 1939, lançava-se ao ar victoriosa, ufana, a nossa querida PRC-“, levando pelas ondas hertzianas a palavra uberlandenses...
 Uberlândia está de parabéns. De parabéns está a PRC-“, J. O . Mattos e seu incansável gerente Aristides Figueiredo.⁴

Dessa forma, percebemos que com a inauguração da rádio muitos setores da sociedade celebraram com entusiasmo e empolgação a inauguração da primeira estação radiofônica da cidade a PRC-06, tal como mostrou a

⁴ Material manuscrito encontrado no arquivo de Dantas Ruas.

documentação acima que revelando como foi recebida e considerada a rádio tal como “um sonho que se concretiza”

A partir da inauguração desta formaram-se os fãs-clubes, irradiavam-se músicas, notícias, informações, propagandas, poesias, recados, radionovelas, conselhos, programas de auditórios, notícias de pessoas, entretenimentos (festas, brincadeiras, gincanas), ou seja, a rádio contribuiu para uma nova forma de sociabilidade. Percebemos que a rádio neste momento foi extremamente importante, visto que a inauguração da primeira estação radiofônica acabou por delinear, modificar e influenciar as formas de sociabilidades. Notamos que as pessoas apropriaram-se dessa “nova” modalidade tecnológica incorporando-a no seu dia-a-dia.

O rádio surgiu em Uberlândia, no final da década de 1930, como uma nova modalidade de tecnologia, irradiando músicas, informações, notícias, poesias, radionovelas, entretenimento, recados, conselhos, propagandas e criando um novo espaço de sociabilidade, para diferentes sujeitos que já participavam de uma cultura local em formação. E neste meio, surgiu essa nova modalidade tecnológica que se inseriu num campo de forças, ou seja, de um lado estavam algumas pessoas da elite letrada e econômica que tentava imprimir a esse instrumento o papel de veículo de educação, de progresso e de outro lado estavam as classes populares que arriscava ocupar este novo espaço de entretenimento e sociabilidade. Mas o certo é que esses aparelhos como o rádio, a vitrola e mais tarde a televisão foram surgindo e de alguma forma sendo apropriados por diferentes grupos sociais, de diferentes modos. Mudanças foram observadas em relação às programações das músicas, dos noticiários ou das novelas para a realização das tarefas diárias, proporcionando momentos de felicidade, suspense, nostalgia, tristeza ou alegria tal como Dona Martha (avó de um dos pesquisadores) que deixava para fazer o seu crochê na hora da radionovela.

A Revista Uberlândia Ilustrada nos dá indícios revelando que, apesar dos avanços tecnológicos, em Uberlândia havia em 1959, apenas 2100 linhas telefônicas para uma população total de 85.000 habitantes (destes, 40.000 viviam

na zona rural), o que correspondia a 1,6 % da população. Em trabalho anterior Dângelo⁵(2001)afirma:

A noção de progresso, portanto, estava longe da maioria dos lares em que, grandes parcelas dos uberlandenses, ainda valiam-se de outras formas de troca de informações, recados e notícias de parentes, o que leva a entender a presença freqüente de programas radiofônicos que buscavam a interação junto aos ouvintes, ora emitindo recados amorosos, ora dando notícias de parentes e conhecidos que ficaram no campo ou que vieram tentar a sorte na cidade. (DÂNGELO, 2001,p.132)

A respeito da fundação da PRC –6, Dângelo(2001) afirma :

Na época da fundação da PRC 06, a estação radiofônica apelidada como “a novidade” foi recebida com festividades pela mídia e pelas autoridades locais, irradiando músicas e programas ao vivo para os mesmos receptores de rádio que antes estavam sintonizados nas grandes estações radiofônicas de âmbito nacional, com sotaques e modos de falar basicamente de cariocas e paulistas, porém com a rádio local surge a necessidade da criação de matrizes comunicativas para a nova emissora que surgia. (DÂNGELO, 2001,p.108)

Assim, a inauguração da primeira estação de rádio na cidade parecia simbolizar que a modernidade chegava à cidade, e que com isso se superaria o atraso. Aliado a esse ideal de desenvolvimento os discursos que exaltavam o progresso eram carregados de conflitos, pois se tentava eliminar o passado, o atraso rural. Novais (1998) afirma:

Matutos, caipiras, jecas: certamente era com esses olhos que, em 1950, os 10 milhões de cidadãos viam os outros 41 milhões de brasileiros que moravam no campo, nos vilarejos e cidadezinhas de menos de 20 mil habitantes. Olhos, portanto de gente moderna, “superior” que enxerga gente atrasada, “inferior”. A vida da cidade atrai e fixa porque oferece melhores oportunidades e acena um futuro de progresso individual, mas, também, porque é considerada uma forma superior de existência. A vida do campo, ao contrário, repele e expulsa. (NOVAIS, 1991,p.574)

⁵ O professor Doutor Newton Dângelo é docente no curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, coordenador de curso da mesma instituição, o qual escreveu o trabalho com o título: Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio – Uberlândia – 1939/1970. Doutorado-História, PUC/São Paulo, 2001 no qual nos baseamos.

Percebemos que esses discursos eram concentrados em torno de termos como progresso, desenvolvimento, modernidade, baseados na idéia da emancipação humana através da ciência e pelo domínio do conhecimento via letramento.

Dângelo(2001) afirma que para alguns membros das elites, a tradição rural deveria ser lembrada com saudosismo, como tempos bons que não voltam mais. Para algumas pessoas na década de 1940, tudo que estivesse ligado ao universo rural deveria ser superado, especialmente porque este período foi marcado pela primazia do materialismo-positivista. Época em que a crença no progresso era muito grande. Havia um otimismo por parte dos brasileiros que o Brasil se tornaria um país de "Primeiro Mundo", principalmente porque entre 1945 e 1964, o Brasil viveu momentos decisivos de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados, a urbanização em ritmo acelerado e o surgimento de novos padrões de consumo. E isso colaborou amplamente para que se incorporasse o hábito de uma cidade desenvolvida. Os hábitos e costumes começam a ser modificados, surgem os eletrodomésticos, os materiais de limpeza, higiene pessoal e da casa, o vestuário, os remédios e seus usos vão sendo reelaborados.

A cidade de Uberlândia começava a se urbanizar, porém as pessoas ainda mantinham comportamentos adquiridos no meio rural. A vida social ainda era ligada aos tempos em que se morava na roça, laços arraigados nas tradições em que a família era patriarcal e em que se valorizavam os padrinhos, os vizinhos, os compadres etc. Os ritmos naturais de tempo e vida social eram outros, as pessoas não se preocupavam muito com as horas, dedicando horas maiores ao lazer, ao prazer das conversas nas ruas, com os vizinhos, e nas missas. Essas pessoas ainda não possuíam hábitos modernos de comportamento, de limpeza, higiene pessoal e da casa tão complicados, ou seja, passar cremes, escovar dentes, aplicar diferentes produtos na casa não era habitual. Tampouco havia o costume de possuir muitas roupas, sapatos, bijuterias, de tomar medicamentos farmacêuticos etc... Esses fatos expressam conflitos gerados entre universo

urbano e rural com o surgimento dos novos padrões de vida e consumo. Porém, apesar da consagração do progresso, dos novos hábitos que incentivavam a modernização podemos perceber que em muitos veículos de comunicação, tal como o rádio, resgatava-se as reminiscências do mundo rural apesar de todo louvor à modernidade, tal como acontece na crônica abaixo lida ao microfone por um locutor de rádio em:

03/12/1959

(...) “O comentário de hoje, será feito de retalhos de notícias. Vamos dizer em pílulas, não daquelas que os boticários fabricam que para esconder o gosto amargo da drogas reveste-as de açúcar para enganar o paladar do doente. Vamos a elas pois, o programa do Bastião, manhã na roça completou hoje o seu primeiro mês de apresentação, índice absoluto de audiência dentro do horário... Também pudera o programa que embora feito **dentro do estúdio desta emissora, tem tudo aquilo que existe, de fato na vida campesina. Violeiros, mugido de bois e não faltando ainda a musica sonora e deliciosa dos pássaros, que bem podem ser chamados de boêmios do amanhecer...Pois bem, para aqueles** ou para todos que ouvem o dito programa, o Bastião encarna um abastado fazendeiro, que passa as suas manhãs divertindo-se com os empregados, a recitar para estes os seus bonitos poemas sertanejos.

Mas o certo é que o rapaz dá um duro danado, já estando de pé às cinco horas da manhã à espera do bonde, condução que o traz todos os dias para o batente...Oram vejam assim são os pedaços de notícias que a gente lê com interpretações diversas. É assim a vida...“Boa tarde ouvintes”⁶

Observamos que de acordo com essa documentação, com a crônica da PRC 6, notamos que há uma mistura entre o campo e a cidade, tentando atrair a atenção dos ouvintes, o programa identifica o estúdio com tudo o que há na vida campesina. Dessa forma, percebemos que o passado é consagrado como uma vivência que deve ser lembrada com saudosismo, porém que deve ser superada, as forças oscilam entre o passado bucólico e a adesão ao progresso.

⁶ Material manuscrito que também foi encontrado no arquivo de Dantas Ruas

Encontramos também no arquivo de Dantas Ruas, alguns discursos que concebiam a radiodifusão como patrimônio da cultura letrada sugerida pelo Jornal Correio de Uberlândia em 1942.

PRC- 6: expoente de nossa cultura artística

“PRC- 6 vem, desde seu início, difundindo com muito critério de interesse imediato de nossa terra, de nossos valores mentais, de nossa riqueza e do progresso vertiginoso por que passa Uberlândia.

Através da onda de nossa prestigiosa radio difusora, a gente brasileira toma conhecimento do que aqui se faz e do espírito que corre por essas plagas,intonizando harmoniosamente o pensamento de um povo que vive uma vida edificante de trabalho... Foi assim que a PRC-“deu à nossa cidade o prazer de ouvir a voz de Maria Cristina, facultando ao nosso povo um programa artístico de sabor espiritual que nos deliciou agradavelmente”.⁷

As elites hegemônicas Uberlandenses tentaram impor, aos meios de comunicação, um modelo que seria considerado ideal na busca da elevação das massas na finalidade de educar o modo de falar caipira. Segundo Dângelo (2001) existia um esforço constante por parte da elite local e a nível nacional em transformar a radiofonia em veículo de educação popular, transformando assim a rotina rural em uma rotina urbana e civilizada tentava-se até mesmo, controlar as diferentes formas de expressão e linguagem, controlando as diversidades regionais, levando ao interior a chamada “língua culta”.

Essa mentalidade permeou o Primeiro Congresso de Língua Cantada⁸, promovido pelo Departamento de Cultura do Estado de São Paulo em 1937.

⁷ Material também encontrado no arquivo de Dantas Ruas -Programa:Campo e Cidade, Número 969, 30/07/1942.

⁸ No congresso, diferentes especialistas da área lingüística e musical debateram e trocaram experiências científicas sobre a adequação da música erudita nacional às “normas da sua dicção em língua nacional”:

“Preocupado com um problema tão importante, (...) o Departamento de Cultura de São Paulo tomou a iniciativa de realizar um congresso da Língua Cantada, para estabelecer as normas de como se deve cantar na língua do país. (...) Ambicionou-se apenas por em campo de estudo tão importante problema da língua e da música no Brasil, examina-lo, discuti-lo e aventar normas principais com que professores de canto, cantores, compositores pudessem aconselhar-se e libertar-se da mesquinha incongruência, das soluções improvisadas, dos cacoetes meramente pessoais em que se extraviavam até agora”. Buscando educar os sentidos de ouvintes através da língua cantada, estes procedimentos visaram regulamentar diferentes formas de expressão,

Pretendia-se, nesse congresso a criação de padrões voltados para a nacionalidade e o civismo, a abolição das diferenças e conflitos e a iniciativa de correção do vocabulário, regras do bem falar, crítica a cacoetes, gírias e tentativas de classificar e padronizar as diferenças lingüísticas.

Podemos perceber as tentativas de se educar, civilizar através da rádio principalmente em três vertentes segundo Dângelo (2001)⁹.

- 1) No campo musical incentivava-se o canto orfeônico;
- 2) Na criação de programas com músicas eruditas, com a finalidade de desqualificar as músicas consideradas populares;
- 3) Na construção de uma memória oficial, incorporando o rádio às celebrações públicas com grandes heróis nacionais, unificando as diferenças em torno da idéia de um povo uno, com raízes em comum em direção ao progresso e à civilização sob os auspícios do Estado Novo.

Usavam-se anúncios de remédios, jingles, conselhos por intermédio das histórias das radionovelas, na intenção da adoção de novos hábitos e costumes que pudessem extirpar os que eram considerados hábitos atrasados, introduzindo assim, aos novos habitantes das cidades uma nova realidade, ligada aos preceitos de uma cidade urbana, civilizada, produtiva e higiênica. Desse modo, a figura do Jeca Tatu de Monteiro Lobato (1971) exemplifica este modelo. Na Era Vargas esse “Jeca” foi amplamente utilizado na política de saneamento com a intenção de se extirpar esses hábitos rudes e rurais.

Vemos que a cidade de Uberlândia era permeada de lutas por espaços, e o rádio surgiu nesse campo de tensões e disputas, sendo incorporado nesse jogo de forças conflitantes. No entanto, devemos citar que o surgimento do rádio, cinema e

transformando a arte de cantar em padrão de música nacional. Percebe-se com isso, que os instrumentos multiplicadores da música e da língua, como rádio e o cinema, ainda não se dobravam aos esquemas exclusivamente “educativos” ou estatais, justificando-se ações e projetos normativos e divulgadores de experiências que enquadrariam as diversidades regionais e levassem ao interior a chamada língua culta.(DÂNGELO, 2001, p.11)

⁹ Ibid., p.16.

televisão e a expansão desses veículos levaram a crer que seriam substituídas as crenças, as tradições, as solidariedades históricas, por novas formas de controle social, numa visão que procura desfazer ou fragilizar outras leituras possíveis.

Benjamim (1994)¹⁰ afirma que os veículos de comunicação se expandiram porque as pessoas se envolveram com essas tecnologias. A idéia de progresso para a maioria das pessoas significava perda de seus valores, dos seus costumes, e de sua identidade; nascia nas pessoas um sentimento apocalíptico de perda das tradições, como se o mundo estivesse mudando e os valores considerados importantes fossem deixados para trás. Todavia, percebemos que os veículos de comunicação de algum modo apropriaram os “significados das coisas” que eram importantes para essas pessoas e de uma maneira fantástica envolviam as platéias com essas novas modalidades tecnológicas e linguagens.

Por conseguinte, percebemos que os veículos de comunicação de massa não apenas ditavam as regras, mas de alguma forma se submetiam àquela cultura tradicional, ou seja, apropriaram a linguagem oral, gírias, provérbios, do mundo rural para poder se emancipar. Apesar das discussões do que era “culto” e do “rude”, dos discursos massificatórios que tentavam unificar e homogeneizar, associando a rádio à idéia de progresso, as novas experiências da voz e da música se alimentaram das tradições populares.

Neste ponto acreditamos ser extremamente relevante trazer a discussão da questão da “cultura popular” e da cultura “elite”.

O termo cultura foi utilizado em diversas situações, e com diferentes significados. Para Burke (1998, p.09), “cultura é um termo impreciso, algo que varia de uma sociedade para outra e também de acordo com os tempos. Requer explicação e interpretação social e histórica já que, é construído socialmente durante anos”.¹¹

¹⁰ BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de História”, in: *Magia e técnica, arte e política*. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

¹¹ BURKE, Peter. **A cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia Letras, 1998.

Nesse sentido, cultura abrange conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades produzidas pelos homens. Burke (1998, p.15) ainda define, “cultura é um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados. A cultura nesta acepção faz parte de um modo de vida, mas que não é idêntica a ele”.¹²

Quanto à “cultura popular” estaremos tratando analogamente segundo o conceito de alguns estudiosos da história cultural, quais sejam Burke (1998 e 1995), Thompson (1960, 1974 e 2002), Martin-Barbero (1997) e outros.

Burke (1998) definiu cultura popular considerando-a como uma cultura não-oficial, da não-elite. Melhor seria tratá-la no plural, já que quando a usamos no singular parece que há uma falsa impressão de homogeneidade.

Quando destacamos a relevância da cultura popular não queremos fazê-lo, de uma maneira paternalista, onde uma só pode ser pensada em contraposição à outra, como formas exteriores, onde uma domina e a outra é dominada, mas de um modo mais amplo, estudando o popular de uma forma mais abrangente, entendendo o que produzem, o que consomem e de que se alimentam, considerando os aspectos físicos e emocionais e relacionando-os não apenas às reminiscências do passado, ao rural, mas também à modernidade, ao urbano e as suas complexidades.

Horkheimer e Adorno¹³, na década de 1940, levantaram a questão da obra de arte de massa, esses autores preferiram utilizar o termo indústria cultural, já que consideravam que as massas eram incapazes de produzir qualquer tipo de cultura. Para eles, os produtos da indústria cultural levavam inevitavelmente à alienação¹⁴ porque não levavam o homem a se situar na realidade social,

¹²Ibid., p.15.

¹³ ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. “Indústria Cultural e o Iluminismo como mistificação de massas” In: **Teoria da cultura de Massa**. Introdução, comentários e seleção Luis Costa Lima. 4ed. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

¹⁴ Etimologicamente, a palavra alienação vem do latim *alienare*, *alienus*, que significa “que pertence ao outro”. Alienar, portanto, é tornar alheio.

econômica e histórica, nem a pensar criticamente sobre sua situação no mundo. Segundo esses autores, a indústria cultural oferecia às pessoas apenas um tipo de diversão escapista da realidade, reafirmando as opiniões comuns dos homens e estimulando o conformismo e os valores culturais já assentados. Esta visão considera que, de um lado, estão os produtores da indústria cultural, e do outro, um número indeterminado de pessoas despidas de suas características individuais de classe, étnicas, de região, até mesmo de país, formando uma massa homogênea, pasteurizada e não um grupo heterogêneo, bem caracterizado. Nesta perspectiva, o público é considerado um grupo social que não tem consciência de si mesmo, que não pode fazer exigências, pessoas passivas, que somente recebem e consomem o que lhes são oferecidos pelos produtores. De acordo com esse ponto de vista, essas pessoas por não se reconhecerem por meio dessa produção, não mantém uma ligação viva com ela, por isso consomem qualquer produto, sem se sentir ligado a nada. Discordamos dessa proposição, pois acreditamos que as pessoas têm poder da escolha e que os indivíduos estão expostos a diversas situações que fazem com que eles não sejam meros receptores passivos, que além de receber tudo o que lhes é dado, elas são capazes de realizarem ligações, conexões e elaborações pessoais em relação a tudo que a indústria cultural cria. Assim como aconteceu amplamente nas radionovelas, as pessoas escreviam cartas, telefonavam para os produtores fazendo pedidos de alterações dos personagens ou para que houvesse mudanças no destino destes, os fãs-clubes também expressavam sentimentos de identificação ou repulsa em relação a algum personagem das radionovelas.

O objetivo da nossa pesquisa não é contemplar essas histórias tal como fizeram os culturalistas ou folcloristas que defendiam o resgate de uma cultura popular “pura”, tampouco como os ilustrados que viam a cultura popular como ausência de gosto ou o contrário do culto. O objetivo é resgatar o valor simbólico, o que significou essas radionovelas para os radiouvintes.

Dessa forma utilizaremos o conceito de Martin-Barbero (1997) que definiu o valor do popular:

Quer dizer que frente a toda tendência culturalista, o valor do popular não reside em sua autenticidade ou em sua beleza, mas sim em sua representatividade sociocultural, em sua capacidade de materializar de expressar o modo de viver e pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica, e o integram e fundem com o que vem de sua memória histórica. (BARBERO, 1997,p.105).¹⁵

A citação acima revela a importância do olhar, do tentar enxergar as pessoas que vivenciaram essas “experiências”, não querendo tipificá-las com adjetivos, tão pouco entender sua realidade descolada do modo de viver e de ver o mundo. Pois entendemos que só é possível resgatar uma época e os significados desta, a partir da compreensão real dos sentimentos vividos pelas pessoas daquela época. Ver o sujeito como pleno, e não apenas fazendo julgamentos de valores.

A questão entre cultura erudita e popular, por ser um tema muito complicado requer uma discussão que não se extenua.

Raphael Samuel¹⁶ afirmou que:

o rádio intrometia num universo comunicativo que expunha conflitos sócio-culturais entre a cultura popular e erudita, o rádio incorporava segmentos iletrados que não eram apenas passivos, antes disso eram usuários desses meios de comunicação, intérpretes ativos exemplo dos livros, essas pessoas liam interpretavam o que liam de acordo com o seu modo de ver o mundo e assim acabavam dando forma própria a tudo que usavam, da mesma forma fizeram com o rádio.

Segundo Raphael Samuel (1989/90) por meio do rádio podemos apreender como esses conflitos -entre a cultura popular e a cultura erudita - foram forjados. Num período em que o rádio surgia, as pessoas estavam ainda se adaptando a essa nova tecnologia e reagiam de diferentes maneiras, chegando a dar uma nova roupagem aos produtos que consumia.

¹⁵ MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

¹⁶ SAMUEL, Rafael. “História local e História oral”, In: REVISTA Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco zero,v.9,nº19,set.89/fev.90.(História em Quadro Negro).p.29.

Quando analisamos a questão da massificação consideramos que ela se desenvolveu antes que surgissem os meios eletrônicos através da escola, igreja, da literatura de cordel e do melodrama, da organização massiva da produção industrial e do espaço urbano.

Neste estudo, não estamos questionando se a intencionalidade simbólica é ou não massificação, pois, tudo na sociedade de massa é massificado. Tampouco se a radionovela pode ou não ser considerada como arte; pois acreditamos que quem pode dar o valor simbólico e adjetivar o espetáculo é o espectador, aquele que vivencia.

Assim como Benjamim (1994)¹⁷ que pensa a experiência do sujeito a partir do campo da recepção, a obra só tem significado quando o espectador apropria algo dela re-significando e lhe dando sentido.

Martin-Barbero (1997)¹⁸ também participa dessa visão ao considerar que o massivo é uma nova forma de sociabilidade. Dessa forma, pensar o popular a partir do massivo não significa alienação e manipulação e sim, novas condições de existência e luta, um novo funcionamento da hegemonia¹⁹ e contra-hegemonia.

Neste trabalho, o que criticamos na industria cultural é a vulgarização, é o que ela sufoca e não o que ela traz. Acreditamos que até podemos participar

¹⁷ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

¹⁸ MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

¹⁹ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Considerando o conceito hegemonia de acordo com Gramsci e Raymond Willians.

Raymond Willians assim definiu: o conceito de hegemonia vai além da “ideologia”. Decisivo não é apenas o sistema consciente de idéias e crenças, mas todo o processo social vivido, organizado praticamente por significados e valores específicos e dominantes. A ideologia, em seus sentidos normais, é um sistema relativamente formal e articulado de significados, valores e crenças, de um tipo que se pode abstrair como “visão de mundo”, ou perspectiva de classe. (p112)

A hegemonia é então não apenas o nível articulado superior de “ideologia”, nem são as suas formas de controle apenas as vistas habitualmente como “manipulação” ou doutrinação. É todo um conjunto de práticas expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores - constitutivo e constituidor - que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas de sua vida. Em outras palavras, é no sentido mais forte uma “cultura”, mas uma cultura que tem de ser considerada como o domínio e subordinação vividos de determinadas classes.(p113)

dessa cultura massiva, entretanto, consideramos que o perigo é a pessoa que só participa desse tipo de meio cultural. Sabemos que a indústria cultural chega a impedir a manifestação da memória de longa duração, calando a pluralidade de vozes que inspiram inscrever suas histórias, os símbolos coletivos. O que nos preocupa é a simplificação e monotonia dos recursos expressivos o empobrecimento do espírito causado pela repetição de um único padrão cultural, pobre de referências coletivas.

O objetivo desta pesquisa é analisar como as relações humanas são complexas e não apenas denominar àquelas pessoas que assistiam as radionovelas como massificados, pois os populares não são uma massa social compacta que é moldada de acordo com a vontade dos dominantes, que além de dominar o material, domina também o cultural. Essa visão é uma herança dos marxistas ortodoxos e positivistas. Além dessa determinação econômica, precisamos destacar as experiências, a individualidade de cada ser, pois as pessoas não são blocos concretos e homogêneos, ao contrário, acreditamos que somos todos distintos. É importante e fundamental entender, enxergar que as “massas” possuem rostos, experiências distintas e não são apenas moldes ou páginas em branco em que se deve escrever ou ensinar algo, porque as pessoas não vão com a cabeça vazia ter contato com os meios de comunicação e com a arte, pois, têm experiências, sentimentos, gosto próprio e valores.

Capítulo 2

“Dantas Ruas e as Radionovelas”

*Não há equilíbrio entre sentir e pensar,
“Pensar é estar doente dos olhos” Roberto Caieiro.*

O radialista Altamirando Dantas Ruas, ou Dantas Ruas, como era conhecido, nasceu no dia 29 de maio de 1922, na cidade de Pedra Azul/M.G. Trabalhou na Rádio Educadora de Uberlândia, entre 1954 e 1980 e também executou atividades no jornal e na televisão.

Ao longo dos anos, vivendo em meio a esse ambiente relacionado aos veículos de comunicação, Dantas Ruas guardou grande parte da memória de Uberlândia, acumulou fontes artísticas, culturais, políticas, e notícias a respeito da cidade e do universo social que formaram um grande acervo a ser utilizado por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

Dantas Ruas arquivou também fontes relacionadas ao universo radiofônico que revelam extrema riqueza. Nele podemos encontrar uma série de materiais que foram levados ao microfone, compostos por crônicas, *scripts* de programas, e radionovelas, jornais, revistas e cartas de ouvintes.

Após sua morte, esse acervo foi doado ao Arquivo Público Municipal de Uberlândia, o qual ainda encontra-se indisponível ao público em geral, pois ainda está sendo catalogado e digitalizado. E isso acabou dificultando a realização dessa pesquisa, pois o acesso às mesmas ocorreu posteriormente. O conhecimento dessas fontes deu-se a partir dos estudos da pesquisa do Prof. Dr. Newton Dângelo, material que também compôs sua tese de doutorado: Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio – Uberlândia – 1939/1970.

Na década de 1940, em Uberlândia, a dramatização da cena teatral ainda não estava desenvolvida, não existiam dramaturgos que escreviam para o teatro, o que havia eram traduções de peças feitas em países estrangeiros e pessoas ligadas às camadas intelectuais que colaboravam com as produções artísticas e teatrais, ou seja, jornalistas romancistas, escritores, folhetinistas, radialistas e outros aficcionados ao teatro escreviam textos, peças ou auxiliavam na produção de obras de artes. Neste contexto, Dantas Ruas foi um personagem de destaque, produzindo várias peças de radionovelas. Em seu arquivo encontramos admiráveis fontes que revelam o ambiente da época em que viveu.

Sabemos que arte e a história caminham juntas e como toda arte incorpora valores sociais, por meio delas podemos obter uma visão sensível da história social. Através da arte o homem atribui sentido à realidade que o cerca. Acreditamos que as fontes citadas são extremamente reveladoras do período, pois além de destacar o ambiente radiofônico, trazem à tona não só as vozes de cantores, locutores, apresentadores e enredos de radionovelas, mas, além disso, revelam a cidade de Uberlândia e seus conflitos nesse período. De uma maneira ulterior mostram também o comportamento das pessoas e o modo de viver da sociedade numa época em que a cidade foi se urbanizando e ao mesmo tempo começando a consolidar o contato com as novas tecnologias existentes, tais como o rádio, o gramofone, e os discos.

Llosa(1996)²⁰ nos dá indícios da percepção de algumas pessoas em relação às radionovelas, vistas como entretenimento, diversão e em contrapartida, o livro sempre foi tomado como coisa séria, cultura, por isso, talvez, as pessoas nem sequer eram vistas com um livro na mão.

- Porque vocês gostavam mais delas do que dos livros?
- Protestaram. Que absurdo! Como alguém poderia comparar uma coisa com a outra, os livros eram cultura, as radionovelas bobajadas para passar o tempo. Mas, o certo é que viviam grudadas na rádio e que nenhuma delas tinham sido vistas com um livro na mão.

Muitos autores compartilharam dessa visão Glaber (1999)²¹, em seu livro **Vida O Filme**, enriquece nossa discussão quando pensa a respeito da questão do entretenimento, da maneira como ele conquistou a maioria do “povo”.

Este autor criticou a visão da cultura européia e da norte-americana, em relação à cultura do povo. Ambas acreditaram que “cultura” era domínio exclusivo dos ricos. Somente as pessoas educadas, refinadas – a aristocracia do país determinavam o que poderia ser qualificado como “bom”. Acreditavam que só os ricos poderiam fruir do “prazer mais alto”, o prazer da complexidade, que “tem de

²⁰ LLOSA, Mario Vargas. **Tia Júlia e o escrivinhador**. São Paulo:Cia das Letras, 1996, p.90

²¹ GLABER, Neal. **Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade**. São Paulo, Cia da Letras, 1999.

ser aprendido”. O autor questiona também a forma como alguns intelectuais pensaram o entretenimento, com desconfiança e ainda duvidando da capacidade de sensibilidade popular. Para eles, a grande maioria do povo era imbecilizada e infantilizada, distraída pelos divertimentos e cativada pela sensação e, portanto incapaz de apreciar a arte. O entretenimento operava sobre as emoções, as víceras, sobre os centros da irracionalidade e irresponsabilidade, fora do alcance do intelecto.

As coisas boas seriam, assim, as coisas sérias, tal como os livros, palestras, uma sinfonia de Beethoven e um evento artístico. Já as radionovelas e concertos de rock, eram considerados divertimentos.

Procurando a palavra “entretenimento” no dicionário²², encontramos: “distração; divertimento; coisa que entretém; passatempo”. Ou seja, pode significar momento de diversão, relaxamento, hora de se escapar do mundo, de fugir da realidade.

Glaser(1999)²³ afirma ainda que o entretenimento estaria a serviço dos sentidos e das emoções, valores tão condenados por Platão e muitos outros intelectuais que desprezaram as experiências sensórias prazerosas(...)“Esse tema era o triunfo dos sentidos sobre a mente, da emoção sobre a razão, do caos sobre a ordem, do id sobre o superego, do abandono dionisíaco sobre a harmonia apolínea. O entretenimento era o pior pesadelo de Platão. Depunha o racional e entronizava a maioria sem requinte”.

Platão²⁴ acreditava que o mundo perfeito era o Apolíneo, ligava as obras de arte à razão, ao mundo das idéias. Desconsiderando, condenando, tentando afastar o que pertencia ao mundo físico corporal e sensível, tudo que estivesse em intrínseca relação com os sentimentos, paixões e com desequilíbrio das sensações dionisíacas inebriantes. Platão defendia que a finalidade da obra de

²² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

²³ GLABER, Neal. **Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade**. São Paulo, Cia da Letras, 1999. p28.

²⁴ PESSANHA, José Américo Motta, **Platão - Defesa de Sócrates** – 5ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção Os pensadores.

arte deveria ser ligada às idéias, à expressão da razão, à algo que pensamos e não apenas ao que vemos.

Glaser ²⁵(1999) continua: Lá como aqui, o que era popular raramente recebia o nome de arte e o que recebia o nome de arte raramente era popular. Mas mesmo com todas essas formas dominantes que tentavam delinear moldar tipificar a cultura do “povo”, eram as classes “populares” que de um certo modo escolhiam o que iam ler ou assistir. E a grande maioria do material que dominava a nação não era nada erudita, e sim grandes tomos sentimentais, livretos baratos, panfletos, folhetins permeados com histórias de crimes, castigos, melodramas, almanaques grosseiros, musicais toscos, enfim, tudo o que não era considerado arte.

Nesta perspectiva, podemos perceber porque as radionovelas não eram incluídas como produto cultural, uma vez que elas eram consideradas passatempo, “nada sério”, que servia apenas para a distração das pessoas.

Neste aspecto, considerando que qualquer criação humana está intrinsecamente relacionada com o período em que o homem vive, essa discussão remete novamente à questão do gosto, já que o gosto estético revela não apenas as emoções do artista, mas também a influência do meio social em que se vive e, além disso, nos leva ao assunto já levantado anteriormente no capítulo 01, gosto popular, tema que não se esgota facilmente, já que é uma problemática que deve ser amplamente discutida.

Gramsci²⁶ (1977) quando discute a questão do gosto do povo, parte da concepção de que o gosto foi forjado nas manifestações coletivas. Segundo ele:

O caráter retórico de gêneros populares, como o melodrama está relacionado com o fato de que o gosto popular não se formou com a

²⁵ GLABER, Neal. **Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade**. São Paulo, Cia da Letras, 1999.

²⁶ GRAMSCI, A. *Cultura e Literatura*. Barcelona: Península, 1977.

leitura nem com a meditação íntima da poesia e da arte; mas com as manifestações coletivas, oratórias e teatrais.

Thompson²⁷ (2002), historiador da cultura, também criticou a enorme distância que existia entre a cultura refinada e a cultura dos pobres e afirmou: “A cultura de um homem, exatamente como seu prestígio social, era calculada de acordo com a hierarquia de sua classe”. (THOMPSON, 2002, p. 17).

Dessa forma percebemos como muitas pessoas relacionam a cultura de um homem, segundo sua posição social, geralmente pessoas economicamente mais abastadas são consideradas possuidoras de cultura, por outro lado, os menos desfavorecidos são considerados sem cultura. Thompson (2002, 1974 e 1960) discutiu amplamente esse assunto em seus estudos, para ele a cultura não estava localizada na posição social, mas acreditava que todos as pessoas possuíam cultura, seria melhor dizer Culturas.

Martin-Barbero (1997, p. 233) também parte desse pressuposto afirmando que: “O sucesso da rádio quanto o cinema o público viu a possibilidade de experimentar ver reiterados e dramatizados com as vozes que gostariam de ter e ouvir códigos e costumes...”²⁸

Quando o grande público começa a ter contato com os meios massivos de comunicação tais como: o cinema, o rádio, e a televisão. Observamos que há uma certa exigência por parte dos “receptores” desses meios, que possuem desejos, sonhos, ilusões. Martin-Barbero fala desses sonhos, desejos e ilusões, pois são eles que alimentam a vida destas pessoas, fazendo com que esse público exija que os “emissores” fabriquem produtos voltados para eles. Devemos ressaltar que o cuidado da utilização das palavras emissoras, e receptores se devem ao fato de que utilizamos as palavras segundo o conceito de Dângelo (2001, p.29) que afirmou:

²⁷ THOMPSON, E. P. Os Românticos. 1968: Civilização Brasileira

²⁸ MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

“A dicotomia que separa locutores e ouvintes em emissores e receptores acaba legitimando a separação entre massa e elite como se massa só recebesse e ouvisse, e, locutor, só produzisse”.²⁹

Mas em verdade percebemos que o fã tenta de todas as formas subverter a ordem. Podemos citar como exemplos: a tentativa de um fã de sublevar a ordem, driblando os seguranças para se aproximar de seu ídolo, ou o caso de algum ídolo que tenta agir de acordo com a expectativa do público no intuito de manter a sua boa imagem. Nessa perspectiva, consideramos que a platéia não é uma massa amorfa como muitas vezes é considerada nos discursos da comunicação e do merchandising. Mesmo no silêncio, no invisível, o fã tenta transfigurar a ordem, e subverter o caminho que não é o planejado.

Por isso percebemos que a rádio foi se popularizando principalmente quando irradiava identidades, por meio de locutores que falavam a linguagem das pessoas comuns, “*do povo*”. Brotava assim, um sentimento de identificação com aquela nova tecnologia, no qual o mundo dessas pessoas era considerado altamente relevante ao ser transportado para os capítulos das radionovelas.

A programação musical e a rádio-novela passaram pelo crivo do gosto popular, e as pessoas pediam músicas e escreviam cartas. A radionovela abasteceu com faces e corpos, vozes e tons, a ânsia das pessoas por se “verem” e se “ouvirem”. O sucesso foi garantido porque os sujeitos que ouviam se reconheciam naquelas histórias, se divertiam, sonhavam e sentiam a história com a imaginação que penetrava ouvidos e mentes. O radiouvinte ouvia o rádio e criava a cena com o que era oferecido. A radionovela ampliava a capacidade de criação do radiouvinte, pois ele compunha o cenário, dava cor e tom ao espetáculo, comandava as imagens, pois na medida em que escutava as características e o nome de algum personagem, por exemplo, “Nininha” no rádio, ele dava o rosto àquela personagem. Tudo acontecia como se alguém se correspondesse por cartas, telefone ou virtualmente com outra pessoa e nunca tivesse a oportunidade de conhece-la pessoalmente. Muito diferente da televisão.

²⁹ DÂNGELO, Newton. **Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio – Uberlândia – 1939/1970**. Doutorado-História, PUC/São Paulo, 2001.

Nela temos a limitação da criação, já que quando olhamos qualquer imagem não precisamos formular nada, o olhar é imediato, a imagem é tudo, fala por si só. Na televisão a imagem é dada, basta aos espectadores digerí-las, conhecê-las.

Percebemos que a intenção da Indústria Cultural é transformar tudo em consumo, só que ela não inventa, não cria novos símbolos, mas, apropria-se dos símbolos clássicos e tradicionais, pois necessita manter acesa a idéia da permanência, tal como aborda Raymond Williams (1979)³⁰, onde a idéia de permanência remete ao termo residual, “não como uma coisa que passou e sim como algo que foi forjado no passado, mas que permanece vivo, ativo como elemento no presente”.

“É pela incorporação daquilo que é ativamente residual pela reinterpretação, diluição, projeção e inclusão e exclusão discriminativas que o trabalho de tradição seletiva se faz especialmente evidente”.

Neste sentido, podemos pensar as tensões no ambiente cultural social e radiofônico. O popular foi se moldando, e num movimento dialético de luta e embate foi modificando o universo do rádio. Dessa forma, quando traçamos as impressões da radionovela, nos preocupamos em revelar os conflitos existentes na época, o específico modo de falar, as práticas sociais, as formas de lazer, de trabalho, de casamento, namoro e religião, ou seja, tudo o que fazia sentido para as pessoas do período. Pois são esses elementos considerados valores que acabaram influenciando e dando sentido a esse universo radiofônico. É fundamental, a compreensão dessa cultura, mesclada de urbano e rural, o entendimento das formas de entretenimento e sociabilidade, pois foram elas que deram sentido aos programas e acabavam forjando a técnica e impondo seus valores à radiodifusão.

Notamos, portanto, que a radiofonia estava entrelaçada à cultura popular. Queria-se ouvir no rádio sons e linguagens que faziam sentido no universo desses radiouvintes. As pessoas que assistiam aos veículos de comunicação de massa

³⁰ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.p126

queriam ver seus valores considerados como fundamentais, representados nestes veículos. Eles pediam músicas, mandavam recados, cartas, e procuravam nesses espaços, manifestarem-se e se fazerem ouvidos. Encontramos no Arquivo de Ruas uma grande quantidade de cartas do período e podemos citar algumas que se referem a: pedidos de mudanças de horários de programas, elogios, críticas, solicitações de músicas, conselhos, orações, notas de falecimentos, mensagens e outras. É importante ressaltar que Ruas, ao receber algumas cartas, adaptava-as para tornarem-se mais “interessantes” e para serem narradas, de forma mais impactante ou convincente.

Ilmo Sr Dantas Ruas

Após ouvir seu programa às 4:30 h, não podia de deixar passar a oportunidade de fazer-lhe devidos e merecidos cumprimentos. Inicialmente quero dizer-lhe que sua presença na nossa Rádio Educadora é motivo de satisfação, pois possuindo uma magnífica voz, voz esta que faz bem aos ouvidos de quem ouve, torna sadio o nosso rádio. Quanto a sua capacidade falta-me palavras, pois o julgo incomensurável. Não sei defini-la. Julgo-o possuidor de uma inteligência estrondosa. Como já tive a honra de conhece-lo quero dizer-lhe que tanto sua pessoa como sua presença são agradáveis e simpáticas.

Quero e não posso esperar mais tempo para dizer-lhe a simpatia que tenho pelas suas crônicas, as quais tive oportunidade de ler através do Correio de Uberlândia. Como gosto de escrever e sou estudante gostaria de saber como consegue se expressar em poucas palavras, pensamentos enormes. Isto é fabuloso estupendo! **Bem, voltemos a rádio quero pedir-lhe uma coisa.** Tenho quase certeza absoluta de que ela esta fazendo o Rádio Uberlandense nascer para o sucesso. Faça o nosso rádio subir e quem sabe se isto não nos fará um canal de televisão. Assim sendo, agradeço-lhe o seu esforço que será visto por todos com bons olhos. Creia-me sempre atenta, e sensível (sic) a sua presença muito amiga.

Subscreve sinceramente a ouvinte

Ruth C. Araújo

Uberlândia, 23 junho 1960.

Desse modo percebemos que naquele tempo, as pessoas que assistiam aos veículos de comunicação de massa, queriam ver seus valores considerados como fundamentais representados nestes veículos. A narrativa acima revela um enorme orgulho, satisfação e entusiasmo da ouvinte pelo locutor Dantas Ruas, a qual ainda aproveitou para fazer um pedido particular, mas que se tornou publicizado

pela voz do locutor. É interessante ressaltar também encontramos no arquivo de Dantas Ruas uma série de cartas realmente muito interessantes.³¹

Sabemos que vários foram os gêneros utilizados na rádio: os teatros de revista, teatro musicado, folhetins, os circos teatros, todas essas modalidades espetaculares colaboraram para a formação da linguagem oral transmitida através das ondas do rádio. Martin-Barbero nos descreve a Literatura de Cordel afirmando que os trabalhadores compravam jornal mesmo sem saberem ler, mas para que outra pessoa lesse. Significando uma leitura distinta do mundo letrado, ali o importante era a sonoridade, uma vez que ler significava escutar. Tal como no rádio, em que não se faz necessário o conhecimento das letras.

Dessa forma, a radionovela, o teatro de revista, o teatro musicado, o folhetim, essas diferentes modalidades influenciaram ou colaboraram para a formação do moderno espetáculo teatral e para a configuração da linguagem radiofônica. Do mesmo modo, quando surgiu a rádio, muitos artistas passaram a trabalhar com a radiofonia, executando atividades como atores, locutores ou músicos principalmente porque estavam inseridos no mundo artístico, encontrando facilidade para lidar com o público, ou mesmo por realizar alguma atividade diferenciada que chamava a atenção do público.

No arquivo de Dantas Ruas encontramos várias radionovelas, inclusive uma em especial, **“Chantagem”**, que ao que tudo indica chegou à televisão. Esta

³¹ No arquivo de Dantas Ruas existem uma série de programas de rádio nomeado “Você a Música”. A maioria encontra-se sem data, porém algumas estão datadas de 1975. O interessante desse programa é que aparentemente Dantas Ruas responde a cartas de ouvintes que assinam seus nomes, que combinam com a situação. O programa em si é quase uma radionovela. As cartas eram lidas no início do programa. A seguir Dantas Ruas se posicionava concordando ou discordando com a atitude da ouvinte, dava o seu conselho finalizando com uma música supostamente pedida pela ouvinte com a frase. “E vamos complementar rodando a música solicitada pela ouvinte”. ou “E aqui está a solicitação que nos fazem”.

Mais interessante ainda é que existem cartas originais que contrastam com as lidas ao microfone o que revela a capacidade criativa de Dantas Ruas que reelaborava essas cartas dando uma roupagem mais interessante para a intimidade desses ouvintes que ouviam suas histórias contadas no rádio como se fosse um capítulo de uma novela. Dantas Ruas alterava o problema e o pseudônimo, e nos parece que as pessoas sentiam um clima de muita cumplicidade e acabavam aceitando terem suas histórias reelaboradas, pois não encontramos nenhuma reclamação, ou denúncia de fraude, mas elogios. Desse modo, percebemos que o programa também atingia enormes índices de audiências. Como as cartas extrapolam o recorte temporal que propomos não entraremos em detalhes, apenas utilizaremos as mesmas para entendermos quais eram os temas que mais apareciam nas rádio-novela, pois sabemos que eram as cartas, os textos e os poemas que serviam para a elaboração temática de suas radionovelas.

rádio-novela revela uma história de amor, traição, chantagem, honra ferida, machismo.

Programa: Novelinha da Semana às 17:05 h

Abertura Locutor: A Rádio Educadora de Uberlândia dentro do Boa Tarde minha ouvinte numa gentileza de Margonari S/A apresenta: CHANTAGEM

Todas as semanas, apresentamos uma novelinha em três capítulos segundas, quartas e sextas. São histórias simples, mas humanas onde os personagens marionetes do imenso palco da vida, movidos pelos cordéis do destino, viverão as emoções todas que podem conter um coração humano. Vamos então ao primeiro capítulo do original de Dantas Ruas CHANTAGEM...

Essa radionovela acontecia de maneira linear com poucos personagens, por isso, percebemos que ela era mais voltada para o ambiente radiofônico do que o televisivo. Apenas uma trama se desenrola, a traição e a vingança. Valéria que é casada com Ricardo, o trai com André um chantagista barato que faz de tudo para se dar bem na vida. Encontramos essa documentação sem o final, de acordo com o acervo catalogado por Dângelo ela deveria possuir 136 páginas, contudo não encontramos o material na íntegra.

Essas peças e outros textos teatrais foram utilizados para o rádio, TV ou mesmo filmados, todas tentam simular cenas cotidianas próxima da realidade das pessoas

O Teatro de Revista nasceu na França com nome *Revue* e se destinava, ao fim de cada ano, a contar em revista os acontecimentos dominantes daquele período. Era um desejo de se comentar a vida, os fatos importantes da realidade nacional e mundial. Comentava-se em diálogos satíricos, em cenas cômicas em canções e alegorias em linguagem oral que foi utilizada no universo da rádio e também no teatro de revista. A revista e o rádio operavam na lógica da cultura popular. Tinha que absorver ao nível do texto, dos temas e da própria fala tudo o que fazia parte do cotidiano das pessoas. Procurava-se pôr em cena os temas mais atualizados – sobre uma matéria de domínio comum lançando uma outra visão para que se pudesse atingir o interesse do público e com isso atingir a lucratividade. Deveria estar em sintonia com o modo de falar, as gírias, modas.

Tudo o que interessava numa revista por sua atualidade, era traduzir no palco o que se vivia na vida real, mostrar o que todo mundo já sabia, mas de uma maneira atual, contundente, em que o público numa olhadela já percebia o que se estava comentando. Utiliza-se um tom infantil, e o ator, em vez de representar, falava diretamente ao público. Não existia a quarta parede e era geralmente um ator histrionico (jeca, mineiro, paulista). Usavam-se gírias, graças e brincadeiras, mas num tom ingênuo que no decorrer dos anos acabava caindo para o francamente pornofônico e a cumplicidade ingênua se perde, daí o seu declínio e a exaustão.

A primeira revista foi dada no Teatro Ginásio em 15 de janeiro de 1859 retorna posteriormente com força total em 1875 com o teatro de *Vaudeville* (pequenas operetas musicadas) e depois desaparece.

Os Folhetins inspiraram largamente o universo da radiofonia. Segundo Décio de Almeida Prado³² o *Feuilleton* surgiu no jornalismo parisiense aproximadamente em 1836. Na fase de grande expansão do jornal. Antes de significar romance popular apareceu com o nome de *Feuilleton*, por causa do espaço que se apresentava, se colocava no rodapé da primeira página um traço horizontal, que separava e privilegiava o texto do resto do jornal. De acordo com os dias, era neste espaço que se colocavam às “variedades” as críticas, as resenhas teatrais, junto com anúncios, receitas culinárias e às vezes notícias de política disfarçadas de literatura. Pouco tempo depois, as narrativas e romances, como os do escritor Eugenio Sue e as críticas teatrais como as de Jules Janin, acabaram por ocupar todo o corpo do texto. No Brasil, por ironia da história surgiu aproximadamente em 1841, com o nome de folhetim e não folhazinha que era a tradução literal.

O romance de folhetim segundo, Martin-Barbero(1997), se transformou em teatro no circo criollo e continuava no rádio a manter uma intrínseca relação com o teatro, não só porque difunde uma peça que é representada aos olhos do público,

³² PRADO, Décio de Almeida. História Concisa do Teatro Brasileiro: 1570-1908. São Paulo: Editora da USP, 1999.

mas também porque as companhias de atores que faziam o radionovela viajavam pelas províncias, permitindo assim que as pessoas vissem o que escutavam.

Na radionovela foram diversos os estilos utilizados, não ocorreu um equilíbrio, uma homogeneidade ou coerência para se compor às peças. Percebemos que os melodramas e os dramas românticos foram os mais utilizados. Como textos experimentais, buscaram a composição a forma e o conteúdo das tradições orais, o radionovela resgatou a tradição do circo, circo-teatro itinerante o qual deram origem ao moderno espetáculo popular que foi amplamente utilizado no universo radiofônico.

Por isso os radionovelas utilizaram alguns elementos da Poética de Aristóteles. Por exemplo, a verossimilhança e a *catarse*, apareceram muito nas peças, ou seja, aquilo que estava acontecendo ao personagem poderia acontecer na vida real com o radiouvinte. E esse acontecimento verossímil provocava a *catarse*, o *terror* daqueles acontecimentos catastróficos e a *piedade*, o sentimento que levava o espectador à compaixão ter se identificar com o sofrimento do radioator. As radionovelas abasteciam a imaginação das pessoas com corpos e faces.

Fundamentalmente o gênero mais utilizado no radionovela foi o melodrama. Esse tipo foi o mais utilizado por causa da ausência dos recursos visuais, da sonoplastia ser pouco desenvolvida tecnologicamente, o personagem deveria ser bem definido não podendo ocorrer muitas variações no mesmo. E por trabalhar com tipos caricaturais, ou características que afirmam a *persona* e ou o personagem, pois o espectador não está vendo o que era encenado, apenas ouvia e os estímulos sonoros deveriam ser para uma imediata associação. Além disso,

esse radiouvinte é uma pessoa *in-trânsito*, não estática que está realizando alguma tarefa cotidiana. Essa imediata identificação deveria ocorrer no momento que o radiouvinte ligava o rádio e ao ouvir o personagem falando reconhecia quem estava falando. Por isso ao se construir e caracterizar os personagens os técnicos das rádios procuravam indivíduos que pela voz caracterizassem o personagem.

Décio Almeida Prado (1999) disse que o melodrama tem como objetivo terminar bem, distribuindo castigos e recompensas conforme os méritos e deméritos de cada personagem. Por isso, o bom e o mau eram sempre bem definidos e a luta entre eles apareciam nas peças radiofônicas com nitidez. Não existia possibilidade de meio termo.

Parafraseando Paul Claudel, o melodrama consistia em provar que Deus escreve certo por linhas tortas. A justiça divina nunca falhava oferecendo aos bons a consagração e a vilania o castigo.

O drama romântico também foi utilizado, embora em menor grau, já que o conteúdo e a forma levavam a um trabalho mais elaborado e difícil, já que os personagens carregavam uma dualidade dentro de si, isto é, os personagens poderiam ser a um só tempo bons e maus, anjos e demônios, herói e anti-herói. A exemplo disso, podemos citar o vilão que fingia ser o bom moço, mas que só queria realizar perversidades.

Os títulos utilizados vinham sem sutileza, sem cerimônias, o nome já adiantava a trama.

Os gêneros terror, drama romântico e melodrama eram os que mais agradavam o público. Geralmente as histórias eram permeadas de crimes, estupros, incestos, parricídios, de teor sobrenatural, com monstros e histórias de lugares distantes ou dramas domésticos que se concentravam no universo das penúrias femininas. Só que com uma diferença, no melodrama os crimes não tinham requintes de crueldade como no drama romântico.

Como podemos ver, os universos dramáticos e metafísicos são opostos. O crime entre os dois, contudo o desencadeamento o desenrolar das cenas são de categorias diferentes. As cenas no melodrama tinham uma seqüência mais linear, não havendo cortes temporais, já que o desencadeamento de uma cena deveria levar a outra. O recurso largamente usado no período era a sonoplastia, que necessitava de uma seqüência lógica dos fatos. Contudo, ressaltamos que esses gêneros são na verdade o desdobramento do que podemos chamar de romantismo no Brasil, e com o desenvolvimento do teatro brasileiro, o conteúdo e a forma foram sendo transformados, dando origem às farsas, aos dramalhões e ao melodrama.

Não se pode, portanto, caracterizar uma obra como “pura” ou seja, apenas lírica, dramática ou épica visto que ela pode conter características e adjetivos de outra, a exemplo disso podemos ter uma obra lírico-dramático. Por isso partimos deste pressuposto para caracterizar o melodrama ou o drama romântico.

Por meio do exame de alguns títulos encontrados no arquivo de Dantas Ruas, podemos conecta-los ao que discutimos até aqui. Na análise das obras é importante ressaltar que encontramos várias mulheres criando ou adaptando textos para a radionovela, num período em que as mulheres ligadas ao meio artístico e cultural sofriam muito preconceito. Naquela época, a sociedade machista, enxergava as mulheres envolvidas neste ambiente de uma maneira “marginal”, mesmo porque a função da mulher naquele tempo era o de casar, cuidar da família, dos filhos, da casa e do marido. Ao homem restava o provento do lar, era ele o responsável por cuidar economicamente da família. E esses “padrões de comportamento” eram de uma certa forma passados na rádio.

Percebemos que a radionovela acabou por informar os conflitos existentes naquele período. Problemas de traições, recheados com cenas de inveja, problema com os filhos, com o marido, com a sogra, com a cunhada, dificuldades de diálogo em casa, ou seja, todos os conflitos que faziam parte do cotidiano eram problematizados e solucionados naquelas pequenas histórias. Percebemos também que a radionovela era voltada especialmente para o universo feminino

com papéis sociais bem definidos. Na maioria dos títulos o papel **da mulher** – esposa que deveria ser submissa, cuidar da casa dos filhos e **do marido** que até poderia ter uma amante contanto que continuasse provendo o sustento da família e fosse discreto. **À amante** restava a vida de luxo, vida fácil, porém marcada pela solidão e pela espera.

Alguns programas de radionovelas encontrados no arquivo procuram uma aproximação das histórias à vida cotidiana do radiouvinte. São histórias simples, mas reveladoras do ambiente da época. Na intenção de simular ambientes comuns ao alcance de todos, recheado por cenas corriqueiras, na tentativa de criar um clima comum para que os radiouvintes sentissem uma identificação imediata, percebemos traços de incorporação e de mediações envolvendo a linguagem e costumes e hábitos populares.

Capítulo 3

“Teatrinho do Sonho”:

As radionovelas nas falas de locutores, técnicos e ouvintes.

Capítulo 3 - TEATRINHO DO SONHO

A intenção desse trabalho não é generalizar os dados para representar uma população, mas elucidar, de forma particular, as experiências práticas e de vida das pessoas que tiveram suas vidas interferidas pelo rádio. A opção pela escolha da entrevista como técnica metodológica está relacionada ao objetivo de buscar informações sobre a vida dessas pessoas que tiveram suas vidas relacionadas com a rádio de forma mais livre e ao mesmo tempo de forma mais abrangente, considerando que cada pessoa é única, com experiências muito peculiares.

Inicialmente pensamos em não adotar uma seqüência objetiva de perguntas, buscando dados coletados individualmente a partir de entrevistas inestruturadas. O nosso objetivo era não induzirmos as respostas e ainda, deixar o entrevistado livre para falar o que achasse importante dentro daquele tema, também porque pelas entrevistas podemos obter informações a partir da linguagem do próprio sujeito, possibilitando assim pensar sobre essas informações, e tentar compreender as concepções de mundo daqueles sujeitos investigados. É importante esclarecer que os questionamentos que realizamos não são apenas perguntas e respostas, mas significam uma tentativa de resgate da subjetividade de cada participante no que se refere à sua relação com as radionovelas e com a radiofonia.

Realizamos, então, duas entrevistas nesses moldes. Uma delas contemplou largamente as expectativas. Já a outra entrevista nos deu indícios de que deixamos o entrevistado muito livre, sem direcionamento. Assim, acabamos repensando a maneira de abordarmos os entrevistados, e decidimos trabalhar com a entrevista semi-estruturada. Traçamos um breve roteiro de questões relevantes a serem abordadas, o que não significava uma imposição de uma ordem rígida de questões, mas que possibilitasse uma abordagem prática e mais flexível a respeito do tema. Salientamos que o uso da entrevista, neste formato, ao mesmo tempo em que delimita o tema, não impõe uma rigidez e também não

necessita de uma obtenção de respostas uniformes para análise de dados estatísticos.

A escolha por essa modalidade está relacionada com o fato de que ao aplicarmos um questionário objetivo contendo perguntas que pressupõe respostas objetivas, os entrevistados, ao serem questionados poderiam se constranger e não responder o que era investigado, podendo assim mudar o rumo do assunto, ou mesmo, responder de maneira muito sucinta. Além disso, a intenção foi de não induzir as respostas dos participantes. Por isso, ao abordarmos os assuntos de maneira aberta, trabalhamos com apontamentos que remetessem o entrevistado ao tema pesquisado, sem nos preocuparmos com respostas objetivas. Nesse sentido, deixamos os entrevistados à vontade para falar o que pensavam. Notamos também que, nessas entrevistas, os participantes mostraram a preocupação de estar falando algo errado, ou apenas “bobagens”, preferindo responder algo bem objetivo. Mas, devido a proposta inicial de ser baseada em entrevistas inestruturadas, não realizamos um modelo a ser seguido, o que surtiu algumas perguntas por parte dos entrevistados, como por exemplo, as seguintes falas:

“Minha filha, não é melhor você ir seguindo um questionário? Aí você vai me perguntado e eu vou respondendo, por que senão eu posso falar coisas que não vão te interessar?” (Alfredo Tucci)

“Eu fiz uma explanação no dia que a rádio fez 50 anos, não é melhor você ler o que eu falei lá e me perguntar algumas coisas? Eu posso responder algo que não vai te servir...” (Sr. Osvaldo).

Essas falas mostram a preocupação dos entrevistados em responder algo útil, de grande importância. Percebemos, porém que na medida em a entrevista foi transcorrendo esses sujeitos se envolviam emocionalmente, em um processo produtivo de informações de grande significado, esquecendo inclusive que a conversa estava sendo gravada. Mas apesar da entrevista coletada ser de grande valia optamos por redimensionar o trabalho e aplicar um roteiro, uma trajetória que serviria para nortear o trabalho e focar o seu objeto de estudo.

Sabemos das ressalvas quanto ao uso das entrevistas orais, uma vez que ela demanda um tempo maior, o entrevistado, muitas vezes não se sente à vontade ao ter sua voz gravada, e também existe a dificuldade da transcrição. Contudo, apesar de todas essas ressalvas acreditamos que elas não são empecilhos para a realização do trabalho. E avaliamos que as entrevistas orais são as mais indicadas para a realização da nossa pesquisa, uma vez que valoriza a presença do informante, oferecendo todas as perspectivas possíveis para que ele alcance a liberdade e espontaneidade para o enriquecimento da investigação.

Nessas entrevistas, segundo Moura e colaboradores (1998),

o entrevistado é livre para conduzir o processo, enquanto o entrevistador se limita ao recolhimento da informação (...) sua utilização ocorre, em geral, em estudos exploratórios, em que não se tem um conhecimento suficiente do fenômeno a ser estudado, havendo, assim, a necessidade de se entrar em contato com os indivíduos como forma de obter uma maior compreensão do referido fenômeno, que permita a formulação de questões ou de hipóteses específicas. (p.78)

A pesquisa qualitativa se preocupa com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Desse modo, optamos por realizar as entrevistas individuais, com pessoas ligadas ao ambiente radiofônico. Elas foram fundamentadas e analisadas sob o referencial teórico de diferentes autores que discutem a constituição do sujeito numa abordagem sociocultural.

Trata-se de um trabalho que se prima pela intuição, exploração e subjetividade que são aspectos que não podem captar o significado das ações e das relações humanas de forma quantificável.

É nesse sentido, na condição de historiadores, que encaminhamos nossa pesquisa. Procurando ser um pouco, minuciosos com nossos olhares, com nosso objeto e não pensar que nossos sujeitos são passivos, sem ação.

Ginzburg (1989) mostra tal percepção nos documentos, expondo que o historiador, durante muito tempo esteve preso somente à documentação escrita,

deixando, dessa forma, escapar indícios que seriam imprescindíveis. Concordamos com esse autor, uma vez que somente quando utilizamos os indícios, as evidências, tal como um detetive que utiliza seu “faro” investigativo, obteremos sucesso para compreender determinadas coisas.

...essas formas de saber eram mais ricas do que qualquer codificação escrita, não eram apreendidas nos livros mas a viva voz, pelos gestos, pelos olhares...um sutil parentesco os unia: todos nasciam da experiência, da concretude da experiência. Nessa concretude estava a força desse tipo de saber, e o seu limite – a incapacidade de servir-se do poderoso e terrível instrumento de abstração.

(GINZBURG, 1989, p. 167)

Assim, percebemos que essas entrevistas orais constituíram-se em práticas particulares, de demonstração de resistência, às vezes minuciosas, mas que, em um determinado lugar histórico e de memória, pode ser uma grande pista para desenvolvermos uma pesquisa histórica. Por isso, optamos por realizar esse tipo de trabalho.

Também porque, quando resgatamos essas entrevistas que são ligadas ao universo oral, estamos contando histórias. Benjamin (1994)³³ afirma:

A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (p. 199).

Relembrar o vivido, contar histórias é a mais antiga das artes. Desde pequenos crescemos escutando narrativas. Elas são fontes maravilhosas de

³³ BENJAMIN, Walter. “O narrador”, in: *Magia e técnica, arte e política*. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

experiências, por meio delas aumentamos os conhecimentos em relação ao mundo, e ainda, trabalhamos nossa capacidade imaginativa.

Alimentamos assim nossa vida de sonhos, amor e beleza. E não há nada como o sonho para criar o futuro. Por isso propomos esse trabalho na intenção de resgatar as histórias das radionovelas que eram recheadas de absurdo, do impossível, do secreto, do miraculoso. Atualmente vivemos num mundo a serviço da informação e não mais a serviço da narrativa, por isso, somos pobres em histórias surpreendentes, os fatos já nos chegam acompanhados de explicações, tornando os questionamentos desnecessários e vazios, nada mais desinteressante do que verificarmos o evidente, o plausível.

Benjamin(1994) acrescenta:

Metade da arte narrativa está em evitar explicações (...) O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (p.203).

A informação só tem sentido quando é dada na hora, ela deve ser repassada no momento presente em que é nova, não podendo perder tempo. A narrativa, ao contrário, possui características muito diferentes. Ela não se entrega apenas naquele momento, conservando sua força e depois de muito tempo continua fazendo sentido.

Ainda mais importante que a escolha da técnica da entrevista é a sensibilidade para a compreensão dos sujeitos e da representatividade no processo de construção do conhecimento. Um entrevistado não seria apenas uma amostra, mas também um sujeito singular, parte de um relacionamento especial, que se expressa por meio do relacionamento entre ele próprio, o pesquisador e uma história que resulta na produção de um conhecimento.

A escolha do método depende dos pressupostos que orientam o pesquisador ao defrontar-se com o problema da pesquisa. Quando nos deparamos com a entrevista do Sr. Alfredo vimos à necessidade em focar o nosso objeto de estudo na entrevista. Na busca de soluções metodológicas redimensionamos o trabalho.

Nas entrevistas com as fãs das radionovelas, para a melhor obtenção de dados, optamos por realizar um roteiro de questões nas entrevistas individuais gravadas em áudio. Entendemos que pesquisar é, em si, um processo de aprendizagem, das descobertas próprias do estudo, que a todo tempo nos levam a repensar nossa investigação. Neste sentido, decidimos manter as histórias de vida dos participantes como procedimento de coleta das informações. O único diferencial foi a utilização de um roteiro que nos serviu como trajetória para buscarmos os dados e analisá-los.

De um modo geral, a entrevista pode ser definida como uma conversação que possui um propósito próprio, em que o entrevistado aceita compartilhar suas crenças, seus valores e sentimentos com uma outra pessoa que é o entrevistador.

Em nosso trabalho, a entrevista foi montada buscando responder alguns questionamentos, como pode ser verificado na seqüência abaixo:

1. Você lembra como foi a chegada das primeiras estações radiofônicas na cidade?
2. Houve alguma mudança com a chegada delas? (interferências relacionadas ao dia-a-dia, ao lazer etc..)
3. Como eram as programações dessas estações?

4. Você tem recordação de algum programa que mais gostava ou que mais te marcou, trazendo algum resquício de memória (algum artista ou programa)?
5. Qual era a linguagem mais utilizada (jargões, gírias) do universo urbano ou rural?
6. Você lembra de alguma radionovela?
7. Como era a dramaturgia sonora nas radionovelas?
8. Os personagens possuíam uma música própria que correspondia a seu personagem?
9. Como eram os fãs?
10. E os programas de auditório?
11. Qual era a localização do aparelho em casa?

O objetivo principal das perguntas foi o de entender como os participantes vivenciaram a época das radionovelas, de que maneira se comportaram, quais eram as reações pessoais diante dessa modalidade artística.

Nessa interação entre entrevistador e entrevistados tentamos estabelecer, por intermédio das perguntas, elementos que provocassem nos participantes as verbalizações em direção aos conteúdos. Muitas vezes esses significados pareciam “bobos” e sem importância aos olhos dos entrevistados, mas nós enquanto entrevistadores sabemos realmente qual é o valor desses depoimentos e buscamos demonstrar para os participantes o significado e a importância de nossa pesquisa, valorizando dessa forma, também a participação dos mesmos.

Foi assim com uma senhora, Dona Adélia, que não quis ser entrevistada, pois expressou desconfiança dizendo que não entendia porque pessoas da Universidade estariam procurando uma senhora “velha” para saber de umas

“bobagens”. Aqui, mais uma vez, percebemos que as radionovelas eram consideradas por muitas pessoas como algo “banal”; própria para as mulheres.

- Não entendo, o que é que o povo da Universidade quer saber de uma velha? Que importância a radionovela tem para os trabalhos da escola? Que tipo de ajuda eu posso dar?

Por meio dessa fala ficamos imaginando, que para algumas pessoas, quando procuradas para participar de entrevistas acadêmicas, parecem não compreender o significados das mesmas. Por esse motivo, procuramos sanar as dúvidas de nossos entrevistados e deixar claro a importância que aquelas pessoas tinham para a nossa pesquisa

Foram realizadas entrevistas individuais com cada participante, sendo que um era técnico de rádio, o outro locutor de rádio ofício conhecido na década de 1940 por *speaker*³⁴ e uma fã de radionovelas.

Para a realização das entrevistas, convidamos muitas pessoas relacionadas com a história da radiofonia de Uberlândia ou fãs que apenas escutavam as radionovelas. As entrevistas foram agendadas previamente por telefone. Convidamos as pessoas para participarem de forma espontânea, e não foi um processo fácil, uma vez que muitas pessoas demonstraram um pouco de desconfiança a respeito do que aquele contato poderia representar; com o que seriam indagadas, e após várias tentativas conseguimos três pessoas que se dispuseram a responder. Percebemos também, que muitas pessoas que constavam na lista de possíveis entrevistados já haviam falecido, estavam ocupadas ou mesmo doentes, inviabilizando sua participação. Mas, apesar de tudo, conseguimos algumas pessoas que nos deram apoio e se esforçaram na tentativa de colaborar para que este estudo pudesse vir à tona.

³⁴ *speaker* palavra de origem inglesa, que significa neste texto locutor de rádio.

3.1- Entrevista com o Sr.Osvaldo de Souza ³⁵

Esta entrevista foi realizada no mês de março de 2003, na casa de Osvaldo de Souza em horário agendado por ele. Fomos bem recebidos e notamos que no decorrer da conversa, ele esqueceu-se do gravador e o clima foi ficando mais espontâneo e descontraído.

O entrevistado mostrou ser um homem muito inteligente, desinibido, possuidor de uma voz microfônica, envolvente e apesar da idade apresenta características de uma pessoa mais jovem. Ele é casado com Miriam de Souza, uma senhora muito simpática que fez questão de nos dar vários contatos de pessoas que pudessem colaborar com a nossa pesquisa.

Nesta entrevista, Sr. Osvaldo relatou como começou a trabalhar na Rádio aos 21 anos, em 1940. Expôs suas percepções, valores, opiniões a respeito da fundação da rádio na cidade. Mesmo tendo trabalhado na rádio por um período curto, de apenas dois anos, relatou as boas e significativas experiências que tivera. E isso nos faz pensar como esse período foi marcante para ele. Disse:

Por eu ter trabalhado na rádio nesta época sou famoso até hoje, muitas pessoas já me entrevistaram, eu fui até convidado para falar quando a rádio fez 50 ³⁶anos.

Logo depois sugeriu que deveríamos ler o que ele havia falado naquele dia. Nesse momento, de acordo com a sua fala, tivemos a impressão de que ele não queria se contradizer ou mesmo não se permitia mudar de opinião, como se não

³⁵ O Sr. Osvaldo de Souza, nasceu em 1919 e trabalhou na Rádio Difusora de Uberlândia entre 1940 a 1942.

³⁶ Neste momento o Sr. Osvaldo se confundiu referindo a época que a rádio fez 80 anos, e não como mencionou “50 anos”, acreditamos que o nosso entrevistado ao se recordar do evento acabou trocando os anos, tendo em vista que aquele período para ele pode ter sido mais significativo e ter ficado em sua memória.

pudesse dar significado e re-significar o seu pensamento em outro momento. Deixamos claro que a história acontecia de maneira dialética e que se ficasse alguma dúvida, usaríamos a recorrência e entraríamos em contato com ele.

Diante disso, ele continuou falando a respeito da época em que ele se sentiu reconhecido e valorizado, recordando, emocionado, do poder de sua voz, que era considerada por muitos, como bonita. Algumas vezes sendo até assediado por mulheres, por possuir, segundo ele, uma voz radiofônica, muito bem postada, que chamava atenção. Isso foi confirmado por sua esposa que em tom de brincadeira disse que havia se casado com um galã, e contou que as mulheres eram loucas por ele. Notamos que quando ela disse isso, a face do Sr. Osvaldo se ruborizou, demonstrando não se sentir merecedor de tamanho elogio. Porém, neste momento notamos uma sensação de prazer, pois ele abriu um largo sorriso, Dona Miriam, sua esposa, buscou fotos e um recorte de jornal antigo em que o marido aparecia, mostrando-nos e dizendo que as fotos poderiam confirmar o que ela dizia. O marido concordou e falou de maneira modesta: “Até que eu era simpático”.

O clima dessa entrevista se deu de maneira calorosa, pois esse casal demonstrou ter uma sintonia admirável. Os dois nos receberam muito bem, e de imediato a confiança foi estabelecida. Contaram-nos a respeito da história de vida deles e da cidade de Uberlândia. Narraram tanto episódios referentes à construção da cidade, quanto referente à sua família, seus filhos, principalmente de um que havia falecido na adolescência de maneira trágica. Escutamos esse fato de maneira respeitosa, procurando o máximo possível reservar o casal que nos mostrou as fotos de todos os familiares. Muitas dessas eles mostraram buscando ilustrar como era o ambiente e elucidar melhor algum fato sobre a cidade ou alguém. Passado um certo tempo soou a campainha e Dona Miriam foi atender a porta deixando nos a sós.

A partir de então, o nosso entrevistado ficou mais à vontade e passou a narrar suas experiências focalizando mais a respeito da história da rádio. Neste, momento nos perguntou se iríamos aplicar um questionário para que ele pudesse

ir respondendo. Afirmamos que iríamos realizar a entrevista de forma mais aberta tal como um diálogo, em que as impressões relatadas por ele pudessem ser resgatadas da maneira mais livre.

Dessa forma, ele começou a contar que neste período a estação de rádio estava operando em Uberlândia em caráter experimental, e disse que ficou sabendo que haveria um teste para quem quisesse ser locutor. Contou-nos emocionado que estava interessado no teste, mas que não possuía experiência para tal função.

Disse que a maioria das pessoas moravam em Uberlândia em meio rural e que desse modo não freqüentavam a escola. Os locutores, chamados *speakers*, não conseguiam pronunciar palavras que tinham origem de outra língua e disse com orgulho que, por ele ter estudado em colégio de padre, e ter muita facilidade em falar várias línguas estrangeiras acabou por fazer um teste para a função. Relatou que, na ocasião, procurou por Aristides Figueiredo, dono da rádio local da cidade de Uberlândia, para se informar sobre o teste. Narrou com detalhes como foi sua experiência, lembrando-se dos mínimos acontecimentos :

Aristides Figueiredo ia para São Paulo atrás de locutores, pois não tava dando certo aqui. Uns que entraram tiveram que sair porque não preenchiam o que a rádio tava precisando...aí eu perguntei –Aonde é que fica essa rádio? E alguém respondeu ali em cima, sobe essa escada aí. E eu pensei comigo vou experimentar.Isso era em 1940 eu tava com 21 anos(...)ali tinha o escritório da rádio da firma Joaquim Marques Penteado que vendia o rádio Fleshmam e o interesse da rádio era fazer propaganda para vender mais rádio...e a equipe comercial tava de lá e a rádio de cá... e eu subi e falei que queria fazer teste...

A fala do Sr. Osvaldo nos faz pensar o quanto importante representou esse momento para ele, uma vez que o mesmo se sentiu valorizado e reconhecido. Sua entrevista foi marcada de emoções, em que ele se recorda saudoso da época em que trabalhou na rádio. Através da compreensão da experiência da forma que o do Sr. Osvaldo foi recrutado para trabalhar na rádio, podemos perceber como eram aplicados os testes e dessa maneira compreender como alguns radioatores ou radioatrizes foram recrutadas. Sr. Osvaldo continuou narrando seu teste:

ali tinha o escritório da rádio da firma Joaquim Marques Penteado que vendia o rádio Fleshmam e o interesse da rádio era fazer propaganda para vender mais rádio...e a equipe comercial tava de lá e a rádio de cá... e eu subi e falei que queria fazer teste... Vocês estão fazendo teste para speaker? Eu gostaria de fazer. Eles disseram que sim, aí eles telefonaram para o escritório, para o chefe que era estrangeiro o nome dele era Rosálio Ribergamo. Ele entendia mais intelectualmente e era a pessoas indicada para selecionar. Aí ele subiu as escadas e perguntou quem era que queria fazer o teste. Eu respondi.

Percebemos na sua fala que tudo acontecia ocasionalmente, mesmo porque o período era experimental, incerto e instigante. A rádio era uma nova modalidade tecnológica em que diferentes sujeitos revezavam-se nos estúdios a fim de tornarem-se locutores, cantores, instrumentistas e atores, mesmo porque não existiam especialistas formados para tal função. O Sr. Osvaldo conta, dessa forma, como foi o seu teste:

Na parte interna do estúdio tinha um vidro por dentro era todo forrado de flanela creme, tinha duas portas para isolar o som aí ele falou entra ali.. Tinha uma mesa um microfone em cima aí a secretária foi preparar tudo . E eu pensei assim: Que que eu vim fazer aqui? Ai meu Deus!!! Melhor se eu tivesse lá na chuva...Eu não entendo nada disso...Gente, mais os elementos que eles precisam eu tenho, vou em frente Aí a moça entrou com fichas com programa de cinema outras de propaganda e gravação...aí eu fiquei apurado! E se eu levar chumbo? Ah, mais tantos tão levando eu não vou ser diferente dos outros. Aí me explicaram quando acendeu a luz vermelha você fala o que está escrito nas fichas, senta lá...E eu sentei e falei vocês estão ouvindo a rádio difusora no seu período experimental operando na frequência tal...Aí tirei uma ficha que era propaganda de móveis e falei...Se você vai comprar móveis, compre móveis de Timóteo e Firmino que são móveis finos e firmes...Aí intervalo, passou a propaganda Melhoral ..melhoral... é bom e não faz mal!!

Por meio da sua fala podemos compreender como o momento do teste foi importante para o nosso entrevistado. Sr. Osvaldo expressou seus pensamentos de forma bastante nítida, contando suas angústias e conflitos. Relatou que inicialmente se arrependeu de estar ali e pensou em desistir de fazer o teste, mas resolveu seguir adiante. Ficamos admirados por perceber como ele se recordou do lugar apresentando o mesmo com uma riqueza de detalhes. Quando o nosso entrevistado começou a falar sobre esse momento lançou um olhar distante

parecendo que, ao se recordar do lugar estava, entrando novamente naquela sala. Isso de alguma forma acabou nos contagiando conduzindo-nos para esta sala, pois quando ele descreveu o local que estava nós pudemos imaginar aquele espaço. É interessante ressaltar que Sr Osvaldo recordou até mesmo da propaganda solicitada naquele momento; do filme que passava no cinema na ocasião. Esta recordação narrada pelo nosso entrevistado foi muito viva e o mesmo garantiu que nunca esqueceria desse acontecimento.

Percebemos que, por meio de sua experiência, quem pretendia ser artista de rádio precisava demonstrar aptidão para falar, cantar ou executar um instrumento como citou o nosso entrevistado, pois neste período a tecnologia existente não ajudava a modificar ou melhorar a voz o som, tal como existe hoje em que tudo pode ser modificado com o auxílio do computador, segundo Sr Osvaldo:

As pessoas que queriam trabalhar na rádio geralmente sabiam tocar um instrumento ou tinham algum dom especial(...)

Essa frase dita pelo Sr Osvaldo nos remete ao seguinte autor Fanucchio (2003)³⁷ que afirma:

“A extraordinária carreira de um artista começava a partir de um teste, no momento em que o calouro dizia um “a” e se este não possuísse um talento, uma “voz microfônica” - isto é um timbre que não ofendesse o delicado cristal que ao vibrar, liberava as palavras pelas ondas sonoras - logo estaria fora daquele universo”(p.22).

O candidato a artista de rádio, o candidato a *speaker*, deveria enfrentar o indefectível teste que o fazia suar e sofrer numa minúscula sala; deveria entrar num estúdio e ler algumas folhas que geralmente eram textos comerciais ou assuntos diversos e sempre todos carregados com palavras de outras línguas, na maioria em Francês ou Inglês. Foi assim que aconteceu com o Sr Osvaldo, como ele mesmo nos relatou.

³⁷ FANUCCHIO, Mário. Dossiê 80 anos de rádio, Revista USP, São Paulo, nº 56 dezembro./fevereiro 2002-2003.

(...) fazia umas duas semanas que estava passando o filme TENENTE SEDUTOR, e o ator era um Francês, e eu estudei em colégio de padre e eu era melhor em Francês aí eu peguei a ficha e falei...-Hoje no Cine Uberlândia reprise do ótimo filme de Morris Chevallier, aí apagou a luz e tinha uma porção de gente ouvindo inclusive o chefe com orelhas em pé, e quando eu saí todos vieram me abraçar. E o chefe me perguntou se eu poderia começar na segunda feira... Aí eu consegui o meu primeiro emprego como funcionário da rádio por ter noções de línguas estrangeiras...

Observamos que nosso entrevistado por possuir noções de língua estrangeira, conseguiu o emprego de *speaker*.

Notamos que neste momento havia um esforço por parte das elites ligadas a radiofonia em contratar locutores que colaborassem com a elevação da cultura dos populares. Contudo, apesar desses esforços de controle percebemos que a radiofonia incorporava elementos que não pertenciam apenas às camadas cultas, ou seja, trazia elementos de outras camadas sociais e culturais.

Dentro dessa perspectiva Dângelo(2002) afirma:

“Os radioatores, assim como os locutores, foram levados a adestrarem comportamentos, gestos e vozes aos novos equipamentos e estúdios radiofônicos, num processo de intervenção carregado de nuances envolvendo a pronúncia, origens lingüísticas, o rural e o urbano, o massivo e o popular”.³⁸

Dessa forma, notamos que a linguagem radiofônica abrangia e trazia elementos e pluralidades culturais de diferentes sujeitos, pois temos de um lado locutores e radioatores que ao microfone emitiam suas vozes, e, de outro lado, os radiouvintes que também possuem costumes e culturas e desejos.

Dângelo(2001) continua:

“A narrativa radiofônica carrega a intervenção de experiências de linguagem diferenciadas, o que permite a sua popularização enquanto suposta nova linguagem, sendo orientada por saberes e práticas de

³⁸ DÂNGELO, Newton. **Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio – Uberlândia–** 1939/1970. 2001. (p.287/288)

sociabilidade e de lazer, hábitos rurais e urbanos na constituição do massivo”.³⁹

Os artistas que encenavam nas radionovelas tiveram que passar por testes de dicção de voz para que determinados efeitos sonoros fossem alcançados, pois nesse período a tecnologia e os efeitos eram precários. Para que se alcançasse determinado efeito dramático ou se configurasse um personagem (mocinha, velha, vilão, vítima, galã) os artistas se valiam do talento e de muita dedicação, já que não existia nenhum aparelho que fornecia uma qualidade melhor do som e da voz tal como hoje.

E o mais difícil ainda para o radioator ou radioatriz era suscitar nos espectadores os sentimentos, as emoções de alegria, ódio, terror, medo, pavor, nostalgia, uma coisa muito diferente do que acontece na televisão, já que a questão da imagem dada é muito forte e os artistas acabam não precisando tanto do talento. Naquela época não adiantava só a beleza, era preciso talento. Atualmente encontramos no universo televisivo, pessoas ou mulheres “divas” que são produzidas por causa dos seus belos corpos ou rostos e pelos recursos da mídia e do marketing.

Além disso, nosso entrevistado lembrou-se emocionado a respeito do prazer de se falar ao microfone para uma enorme quantidade de pessoas, relatando seus sentimentos frente aos programas. Disse que era muito difícil o locutor ou o radioator saber como o público iria reagir, pois tudo era realizado quase na hora.

De acordo com Sr. Osvaldo, havia uma certa inquietação por parte dos locutores ou radioatores, e isso nos remete a seguinte documentação que foi encontrada no arquivo de Dantas Ruas de autoria de César Ladeira, locutor da Rádio Educadora de São Paulo, que esclarece-nos como era esse “ **imenso auditório invisível**”:

“o microphone atemoriza. È a platea enorme, uma assistência imensa, sobre a qual não se pössue o controle, não se sabe o effeito immediato

³⁹ DÂNGELO, Newton. **Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio** – Uberlândia– 1939/1970. 2001. (p.225).

da impressão, não se lhe póde tomar o pulso, consultando-lhe o gosto. **É o imenso auditório invisível**, variado e exigente, com preferências completamente diversas, com desejo variadíssimos. Uma platéia distraída e attenta, ao mesmo tempo indiferente quase sempre, aceitando uma irradiação gratuita como presente fácil, e sempre, infallivelmente sempre, rigorosa par os inevitáveis defeitos das transmissões”. (Jornal. “A Tribuna”. N. 641. 13/11/1932)

Quando nosso entrevistado remeteu às histórias das radionovelas, trouxe lembranças, e recordações de como eram recebidos os artistas que encenavam nestas, afirmou que essas radionovelas foram muito significativas para muitas pessoas. Disse que os fãs-clubes eram muito interessantes. Assim como ele recebeu muitos elogios e cartas de fãs, o mesmo acontecia com os galãs das radionovelas. As pessoas tentavam de muitas maneiras entrarem em contato com seus ídolos.

Relatou que não participou como radioator de nenhuma radionovela, porque trabalhou na rádio Difusora somente até 1942, mas acredita que se tivesse participado se sairia bem, por causa de sua voz eloquente.

Disse que as primeiras novelas irradiadas (a nível nacional) foram “O Direito de Nascer”, e “Morro dos Ventos Uivantes”, afirmou que a transmissão para o interior era muito ruim, porém recordou-se que *“o final de algumas radionovelas tiveram a mesma importância que os jogos de futebol em tempo de copa, parece que todas as pessoas param para assistir”*.

Segundo Sr. Osvaldo, os homens não acompanhavam as radionovelas da mesma forma que as mulheres, pois por desempenhar um papel de provedor do lar, geralmente não tinham tempo.

Notamos que a fala do Sr Osvaldo carrega ambigüidades, pois o mesmo afirma que algumas radionovelas como “Direito de Nascer” paralisaram o Brasil, tal como acontece em tempo de Copa Mundial, em que nós brasileiros geralmente paralisamos todas as nossas funções para assistirmos aos jogos, e ao mesmo tempo alegou que geralmente os homens não tinham tempo para escutá-las.

Talvez esteja implícito um desejo incontido de escutar estes finais de novelas, num momento em que os valores morais predominantes separavam os lazes e entretenimento de homens e mulheres, donde se originou a famosa expressão: “novela é coisa de mulher”.

No acervo de Dantas Ruas encontramos uma variação de estilos de radionovelas para atingir diferentes segmentos de ouvintes, tais como Gregório Kim, o detetive das trevas, com o episódio “ O Segredo da Múmia, em 33 capítulos, aventura, mais voltado para o público juvenis e masculino.

3.2 - Entrevista com Sr. Alfredo Tucci⁴⁰

A entrevista foi realizada no mês de junho de 2003, com o Sr Alfredo Tucci, que em sua belíssima casa e na companhia de sua esposa nos recebeu com muita alegria e receptividade. Sua esposa, com muita atenção, nos revelou que era colecionadora de artigos culturais dos jornais locais e nos contou que possuía várias pastas e recortes a respeito de acontecimentos importantes. Quando iniciamos a entrevista, a mesma tratou de resolver suas tarefas diárias, nos deixando a sós e só retornando ao final da entrevista com seus recortes em mãos.

O Senhor Alfredo trabalhou na rádio por volta de 1940, e passou grande parte de sua vida dedicando-se a esse meio. Relatou que toda sua família era envolvida no ambiente em que a rádio estava circunscrita. Seu pai veio transferido de Campinas para Uberlândia em 1939. Depois de um ano, ele mudou-se para Uberlândia para trabalhar na Rádio Difusora.

Senhor Alfredo demonstrou que possui grande conhecimento e entusiasmo a respeito do universo radialístico, pois cuidava tanto da parte técnica quanto da programação, recrutamento de pessoal, e etc. Sua entrevista foi marcada de emoções muito intensas, em que ele reconheceu a importância de ser técnico na

⁴⁰ Sr Alfredo Tucci foi técnico de várias rádios em uberlândia na década de 1940, dedicou quase toda sua vida a radiofonia.

rádio e recordou saudoso a época em que viveu. Acredita que foi um profissional que se destacou em seu trabalho e se diferenciava pela sua competência, e pela capacidade de desempenhar várias funções ao mesmo tempo. Disse: *“Eu estou com 78 anos hoje. Sou rádio amador⁴¹ até hoje, já fui de tudo só não fui ladrão”*. A fala dele nos faz pensar como foi importante este momento para ele, uma vez que o mesmo se sentiu valorizado e reconhecido.

Eu trabalhei na rádio e fazia de tudo lá, quando eu trabalhei pro Ladeira na época que o Getúlio Vargas veio aqui fazer um comércio a transmissão ficou ruim. O Ladeira não queria gastar e não comprou fio novo aí ele me xingou e eu não voltei mais lá, só que ele ficava me chamando sem parar para voltar porque ele sabia que eu era bom, pois eu sabia fazer tudo que eles precisavam, eu colaborava em tudo.

A respeito dessa fala, dita com muito entusiasmo e mostrando experiência e conhecimento em relação ao serviço operado na rádio, podemos perceber que “o trabalhar” na rádio significou muito para o senhor Alfredo que se considera rádio amador até hoje, ou seja, na sua opinião ele não é apenas uma pessoa que já se aposentou, mas sim um trabalhador ativo na função que exerceu. Quando ele afirma “que já foi de tudo” ou “que sabia fazer tudo que a rádio precisava” essas frases remetem às funções que nosso entrevistado operava, colaborando desde a constituição de uma torre até a realização e elaboração dos programas.

Descreveu-nos como e quando foi fundada a rádio em Uberlândia. Afirmou que nesta época o rádio era imbuído de fortes significados. Nela havia tudo o que se precisava. Considera que o rádio foi um dos meios de comunicação mais expressivos, e segundo sua opinião, até hoje o rádio continua sendo muito expressivo. Para ele é um dos meios de comunicação mais fortes, pois opera com rapidez, uma vez que o que é dito em determinado lugar na mesma hora outras pessoas podem escutar. Relatou que hoje as pessoas não dão importância para isso, pois a tecnologia surgiu trazendo o fax, a internet e outros meios tecnológicos que não surpreendem mais ninguém. Acredita que naquela época, os meios de comunicação causavam sensações diferentes nas pessoas, pois dispunham de outros meios tecnológicos e os que possuíam já causavam muito

⁴¹ O sistema de transmissão radiofônico era também denominado como “aparelho radio-telegraphico amador”, e as pessoas que trabalhavam com este sistema eram chamadas rádio-amadores

deslumbramento. Afirmou que o surgimento dos filmes nas telas dos cinemas despertou grande curiosidade nas pessoas, sendo que algumas até mesmo procuravam, por trás das telas, ou dentro dos gramofones, os atores e músicos, acreditando que isso fosse possível. Segundo Sr. Alfredo, naquela época os acontecimentos eram mais interessantes. Considera que as pessoas atualmente não se envolvem muito com as artes, dificilmente se comovem ou despertam interesse por elas de uma forma geral. Acredita que vivemos numa sociedade em que as pessoas são desinteressadas por tudo.

Podemos perceber por meio das suas colocações e experiências que ele faz um paralelo entre o antes e o agora, avaliando o valor que a sociedade dava ao rádio anteriormente e o modo como o percebe nos dias atuais.

Para ele, o rádio era um meio de expressão e comunicação poderoso, pois conseguia reunir pessoas de todos os lugares, até mesmo da Argentina. Mencionou que participavam cantores regionais, cantores de música caipira. Havia músicas ao vivo nos programas de auditório, apresentações ao piano, entre outros.

Descreveu os programas com muito ânimo e saudosismo, considerando ter sido um período bom de sua vida que não voltará novamente. Falou do tempo em que trabalhou na rádio e da maneira que foram os programas. Assim expôs:

*Quando fundaram a rádio era tudo lá e tinha de tudo: auditório, estúdio, mesa de som, escritório, programas de oferecer música para os namorados, os aniversariantes a rádio atendia a todo mundo... Nesta época que eu cheguei aqui...Naquela época a rádio era um dos meios mais movimentados, mais expressivos que tinha no Brasil. Era uma rádio de expressão e vinha gente de todos os lugares: da Argentina, **tinha cantores de música caipira**, tinha música de auditório, cantores regionais, programas de piano. Mais tarde, o outro dono foi o Geraldo Mota Batista. Meu pai tocava nesse programa de piano, eu trabalhei nesse tempo na rádio(...)*

Observamos como eram os programas. De uma maneira simples e direta nosso participante nos remeteu a um período em que o rádio era um meio extremamente expressivo. Num universo em que a cidade era basicamente rural, era freqüente a presença de músicas voltadas para o universo do campo, da roça.

Nesse contexto, a sociedade da época utilizava o rádio para mandar recados para aniversariantes, namorados e amigos. Percebemos dessa forma que o rádio servia para atender a demanda da população rural, pois representava um veículo de divulgação de informações para os habitantes que moravam distantes da cidade, principalmente na zona rural.

Sr. Alfredo relatou ainda, com orgulho, que participou da implementação da estação de rádio na cidade, logo que foi vendida para o Sr. Geraldo Mota Baptista, que era conhecido por Geraldo Ladeira, devido a sua voz ser parecida com a de César Ladeira, locutor conhecido de São Paulo.

*Quando a rádio foi vendida para o Ladeira, porque ele casou com uma moça rica aí ele comprou essa rádio, e ele aumentou a potência dessa rádio e eu participei dessa parte todinha **fui eu quem fiz**.*

Por meio do relato do Sr. Alfredo, podemos notar como era rude e bem primitivo o sistema da rádio quando foi implantado na cidade de Uberlândia. A transmissão era feita por meio de manivelas, pois ainda estava iniciando. Sr. Alfredo considerava a si mesmo e alguns colegas altamente eficientes. Nas músicas, nas radionovelas, nos programas ao vivo, sempre que surgiam alguns problemas, cabia aos responsáveis dos programas e a essas pessoas improvisarem e criarem soluções. Quando surgiam ruídos que prejudicavam a transmissão ou mesmo quando se desejava obter na radionovela uma determinada sonoplastia para uma cena, competia a ele, ou aos atores e trabalhadores, descobrirem um objeto que pudesse produzir aquele som. Notamos assim que nesse período as funções não eram bem definidas como ocorre nos dias atuais. Quando o Sr. Alfredo diz que “fazia de tudo”, nos é sugerido que ele era um colaborador em tudo que se precisava, mesmo porque, vale ressaltar, que neste período todas as funções também começavam a se desenvolver com o rádio, pois ainda não havia um especialista para tais funções. As pessoas que começaram a se dedicar ao universo radiofônico estavam aprendendo o ofício com a prática.

O nosso entrevistado falou das recordações acerca do período em que esta estava se configurando e ampliando o seu sistema, achando muito engraçado.

Mencionou que atualmente quando conta a respeito da fundação da rádio para as pessoas, essas histórias são motivos de risos. Relatou que:

Eu fazia comício, jogo de futebol, jogo de basquete, o pior era que não tinha locutor especializado pra isso e a gente usava um sistema muito primordial e se falar nisso hoje muita gente até ri...

Disse ainda como era a forma de transmissão radiofônica, descrevendo como era realizada a transmissão, os ruídos, a localização da torre e de como isso tudo foi sendo modificado:

Naquele tempo a transmissão era por telefone e não era desse automático, não, era de manivela com um fio só, pra não gastar dinheiro e usava um fio terra e isso ocasionava um ruído, a transmissão não era assim limpa. Quando começou a usar o Juca Ribeiro, e já era transmissão automática, aí começou a melhorar. Aí mudou de 100 watz para 1000 watz, aumentou muito. Mudou a torre e a transmissão vinha lá do Praia, aquilo ali era tudo mato.. aí eles foram mudando, ampliando, melhorando.

Sr Alfredo contou que a transmissão da rádio acabou por utilizar amplamente o sistema de telegrafia. Narrou que conhecia um técnico telegrafista que se chamava José de Souza Campos, que segundo ele, foi um dos mais fantásticos telegrafistas que já existira. Ao falar a respeito de como era a parte técnica, Sr Alfredo mostrou-se sentir extremamente importante, pois segundo ele, operar um sistema como este, numa cidade que mais parecia uma “roça” significava muito. Era como se os homens, por meio da criatividade, conseguissem superar a falta de tecnologia, tal como na sonoplastia das radionovelas. Isso que o nosso entrevistado revela é realmente muito importante, pois acreditamos que em sua fala está implícito a importância de se driblar a falta de recursos tecnológicos.

Contou sobre os programas que ele ajudava a fazer, afirmando incisivamente que participava de tudo: dos programas regionais, com apresentações instrumentais de: violões, pandeiros, cavaquinhos, viola, piano, saxofone, contrabaixo e, além disso, colaborava nas radionovelas.

Ao mencionar as radionovelas, suspirou profundamente, demonstrando um sentimento de nostalgia. Percebemos, pela sua fala, que as radionovelas despertavam emoções variadas nas pessoas. Disse:

Tinham os radioteatros⁴², ah!!! Muitos, muitos mesmo e o povo gostava muito(...) principalmente as mulheres.

Segundo ele, as mulheres gostavam muito das radionovelas, pois as histórias eram realmente muito marcantes. A audiência era muito grande e as pessoas escreviam cartas, pedindo que mudassem algumas situações no enredo das radionovelas, em que os ouvintes participavam do processo. As fãs dos radioatores pediam autógrafos e abarrotavam os estúdios para verem os seus ídolos.

Percebemos que quando nosso entrevistado retomou as lembranças das radionovelas, ele apresentou-se sério, sisudo, pensativo e começou a trazer outros elementos também importantes para a nossa pesquisa. Relatou que seu irmão era um radioator muito prestigiado; um galã que vivia rodeado de fãs, mas que hoje se encontra muito doente, impossibilitado de dar sequer uma entrevista. Acredita que se fosse em outro tempo, com certeza ele faria questão de falar. Disse ainda que os fãs adoravam os seus ídolos, tal como ocorre hoje em dia. Lembrou-se que havia um radioator extremamente famoso, porém que vivia em meio ao meretrício e não gostava de trabalhar. Relatou que esse moço era também locutor e que num programa musical colocava músicas muito antigas, e depois contava a história da música tal como uma pequena radionovela. Afirmou que essas histórias recheadas de emoções, intrigas, traições, e que eram consideradas muito interessantes.

Ao falar das radionovelas tivemos a impressão de que as lembranças eram muito fortes, tal como imagens. O Sr. Alfredo foi descrevendo as mesmas e apesar de alegar que não se lembrava de muita coisa, à medida que foi falando, percebemos que nosso entrevistado conseguiu trazer elementos que foram reconstruindo aquelas histórias e o tempo em que viveu. Para nós era como se

⁴² Estaremos tratando o termo radioteatro analogamente a radionovela.

vários pontos se encontrassem, e no final, constituíram um desenho inteiro, tal como uma colcha de retalhos.

Sr. Alfredo revelou um dado importante a respeito do programa em que as pessoas mandavam recados. Suas impressões são extremamente valiosas, e disse maravilhado que esse programa atraía muito a curiosidade do povo, aumentando o índice de audiência. Relatou que muitas pessoas escutavam a rádio naquele horário para saber o que estava acontecendo na cidade, e no intuito de descobrir quais eram as pessoas que estavam se correspondendo por meio do rádio naquele momento. Afirmou:

Esse programa foi fundamental para a sociedade daquela época, pois não se tinha telefone e os meios de comunicação eram muito precários e essa forma de correspondência era muito viva, imediata. As cartas demoravam muito para chegarem, e os recados na rádio não chegavam logo, além disso, era dito ao som do microfone com uma música de fundo que dava um tom para o que se transmitia. Esse tipo de programa aproximou as pessoas a terem contato e notícias de parentes ou amigos e era muito barato e faziam com que as pessoas ficassem famosas pelo menos naquele momento.

Por meio dessa fala notamos a importância desse programa numa cidade em que tudo era distante, e as pessoas, por morarem na maioria das vezes em fazendas, acabavam ficando isoladas. O rádio, neste contexto, serviu para encurtar essas distâncias, levando até os ouvintes, informações, recados, significados, sonhos e fantasias.

Observamos ainda, pela fala do nosso entrevistado, que esses programas faziam com que as pessoas citadas no rádio, se sentissem invariavelmente importantes e famosas, pois essas escutavam seus nomes falados ao microfone ou mesmo, suas histórias de vida tornavam-se públicas (tal como quando Dantas Ruas que se apropriava das histórias das pessoas para aconselhá-las). Era um momento em que esses radiouvintes saíam do anonimato e se sentiam especiais.

Observamos que o nosso entrevistado buscava recheiar essas histórias para que as mesmas se tornassem mais significativas e importantes ou às vezes até tentava dar um clima radionovelesco para a entrevista. A sensação é que ele

realmente se transportara para aquela época, revivendo a situação, e nos transmitindo como um locutor ou um ator. E nós, nesse momento, praticamente ocupamos o lugar dos ouvintes daquela época, porém, ouvíamos as histórias de Sr. Alfredo, compartilhamos as suas lembranças, e ficamos imaginando como teria sido.

Consideramos essa entrevista a mais difícil de ser analisada, pois o Sr. Alfredo, por ter sido técnico de rádio, conservava um lado muito técnico em sua fala. Acreditamos que o ofício do mesmo foi muito significativo para ele, e a todo o momento ele tentava trazer as questões técnicas, mas após longas horas de conversa o mesmo se revelou conhecedor de todas as áreas que o rádio possuía. Assim, após nos dedicarmos com atenção à escuta da entrevista gravada, tentando nos afastar das questões técnicas (fios, torres, transmissões) e nos aproximamos mais do significado de suas falas. Buscamos dessa forma, entender o significado e os sentidos das frases que ele compunha. Acreditamos que essa entrevista por ter nos exigido um empenho maior, representou um significado especial para nós.

3.3 – “Pedacinho do Céu”: entrevista com Dona Inês – Fã de Radionovela

Esta entrevista foi realizada no mês de novembro de 2004. Fomos até a casa da participante, que após o contato telefônico, aceitou de imediato conceder-nos a entrevista.

Quando chegamos em sua casa, D. Inês confessou que estava ali tentando se lembrar do tempo que escutava as radionovelas. Essa entrevista foi muito interessante, pois a participante tem uma maneira muito própria de falar, e acabou nos envolvendo em suas histórias. Contou-nos a respeito de sua vida e as questões feministas foram as que mais apareceram no decorrer da conversa. Esta participante relatou que cursou enfermagem numa época em que geralmente as mulheres não estudavam. Narrou, de maneira cativante, o preconceito vivenciado por ela e ainda fez um balanço de como isso se modificou ao longo do tempo.

Antes não tinha violência como hoje, a violência que tinha era contra a mulher. É porque você é menina, então, não pode fazer isso, ou aquilo, mas os meninos tinham o direito, o direito de ficar na rua até mais tarde brincando na calçada. A gente, porque era menina, entrava mais cedo. Tinha esses tabus, sabe... Os meninos podiam, as meninas não... Interessante não é?! O quanto mudou em um curto espaço de tempo, veja a diferença que dá!

Mencionou que pelo fato de ficar muito tempo em casa (saía apenas para fazer o curso de enfermagem) criou o hábito de escutar com a sua mãe as radionovelas, e assim virou uma fã das mesmas. Para ela, as radionovelas continham um sentido especial e diferente, pois nenhum filme, ou música, marcou tão profundamente a sua vida como as radionovelas. A nossa entrevistada disse que neste período viveu uma época de magia e sonhos.

LLosa (1996) em **“Tia Julia e o Escrivinhador”** busca o “significado” das radionovelas para os radiouvintes que as experienciaram. O livro é extremamente interessante, pois por meio da ficção o autor alimenta o coração do leitor de emoções, tal como nos relatou nossa entrevistada.

Tal como aborda Llosa, D. Inês afirmou que ficava emocionada quando ouvia o rádio, pois era diferente acompanhar as histórias das radionovelas. Relatou como criava as imagens:

“Quando você ouvia o rádio você estava criando, usando a imaginação. Hoje não precisa raciocinar. Você vê: a televisão pode estar ali, porém pode não estar prestando atenção e no rádio não, era uma forma diferente! A gente procurava prestar atenção, ficar atento”

A fala da nossa entrevistada nos remete mais uma vez a Llosa (1996) em **“Tia Julia e o Escrivinhador,”** em que o protagonista Mário, funcionário de uma rádio, sai questionando porque as pessoas gostavam tanto das radionovelas. Nessa busca em compreender o sentido das radionovelas, encontrou as pessoas profundamente concentradas, escutando as radionovelas no rádio, **objeto que era muito grande e pesado tal como uma cômoda, localizado quase sempre na sala, além de estar ligado no último volume...**

Em um trecho do livro, Mário estabelece o seguinte diálogo com sua avó e suas tias:

– Porque você gosta tanto das radionovelas? O que é que você encontra nelas e não num livro, por exemplo?

- **É uma coisa mais viva, ouvir** as personagens falarem **é mais real** - E além do mais eram divertidas, tristes ou fortes, **porque distraíam e faziam sonhar, viver coisas impossíveis na vida real**, ou porque ensinavam algumas verdades ou porque alguma sempre tinha um pitadinha de romantismo.
- Porque gostavam mais delas do que dos livros?.
- (Protestaram) Que absurdo! Como alguém poderia comparar uma coisa com a outra, **os livros eram cultura, as radionovelas bobajadas para passar o tempo**. Mas, o certo é que viviam grudadas na rádio e que nenhuma delas tinham sido vistas com um livro na mão.(Llosa, 1996, p.90)

A citação acima é muito significativa, revelando uma série de impressões importantes, como, por exemplo, de que modo as radionovelas foram recebidas, consideradas enquanto divertimento, distração, e capazes de despertar o mundo dos sonhos e da imaginação.

D. Inês revelou, também como eram os aparelhos e onde ficavam localizados dentro de sua casa, ou seja, na sala, numa peça grande, no alto. Lembra-se de que com a chegada das novidades tecnológicas, dos novos rádios, sua mãe ganhara do pai um outro rádio pequeno que podia ser carregado, e que foi só após a chegada desse rádio na casa é que ela e a irmã puderam levá-lo para cozinha, como se fosse um companheiro que facilitava a realização das tarefas domésticas.

Neste sentido, Antoine Prost (1992) afirma que:

o rádio seguiu três grandes eras: em 1942 o aparelho era de válvula que ficava em casa (...) Pesados e volumosos, tributários da eletricidade, precisando de antena, os rádios se exibiam nas cozinhas ou nas salas de jantar, irremovíveis sobre um guarda-louças ou uma prateleira. Em 1964, transistor portátil ambos poderiam reunir grupos. Hoje, o walkman e os indivíduos isolados.(p.143, p144).

Notamos que após a invenção do transistor portátil, por ser barato e transportável, o rádio tornou-se individual, podendo ser levado para a intimidade do quarto ou para outro lugar, mas mesmo assim percebemos que ele ainda estreitava os laços entre as pessoas. Para a nossa entrevistada, o rádio era considerado um “amigo”, um “companheiro”.

Contou-nos que em sua casa só era permitido ouvir as radionovelas se estivesse bordando, arrumando a cozinha, ou seja, em atividades do lar. Era, dessa forma, que ela escutava as radionovelas.

Falou ainda das programações que mais gostava e a respeito das músicas. Recordou de um programa local, do qual não se lembra o nome. Mas, o interessante é ressaltarmos que, para ela, o importante foi o significado do programa. Recordou-se que neste programa os radiouvintes escreviam cartas que eram respondidas ao vivo no programa e ela adorava isso. De acordo com nossa entrevistada esses programas eram muito parecidos com uma radionovelinha em que geralmente duas pessoas, um homem e uma mulher, se relacionavam e um mediador fazia o papel de conselheiro. As pessoas escreviam as cartas e esse casal geralmente encenava a respeito da história da carta. O mediador analisava, e colocava o seu ponto de vista, opinando a respeito do assunto. Sobre isso, disse D. Inês:

“Naquela época as pessoas mal sabiam escrever e os responsáveis pelo programa floreavam as histórias, davam ênfase na narração para dar uma característica mais interessante na situação e no final falavam – O que vocês acham radiouvintes? Fulana deve ou não deve perdoar? Aí o povo escrevia dando opinião, e nós vivíamos estas histórias. Era muito bom”.

Acreditamos que nesse resgate a respeito dos programas, a entrevistada recordou-se dos sonhos que tivera quando moça, pois a mesma afirmou que as mulheres nesse período viviam a espera de seus “príncipes” e que esses programas tinham uma característica peculiar muito especial, pois mexiam com o universo feminino despertando sonhos nas mulheres. Assim, tudo o que era negado à elas, o rádio podia proporcionar, servindo como uma abertura para o mundo exterior, já que naquele período as mulheres geralmente não tinham uma vida pública tal como acontece hoje em dia. Por meio da fala de nossa entrevistada, percebemos que o rádio trazia muita coisa para a vida da mulher que por viver num mundo extremamente machista acabava por se limitar a viver num espaço do lar. Afirmou de forma enfática a respeito de como a mulher era vista, e do que sofria:

“Naquele tempo a mulher era muito discriminada. Ela nascia para casa., Eu me casei tarde, com 33 anos, depois que eu formei, e a minha família falava que eu ia ficar para titia, que já era velha”.

Recordou-se ainda que não eram apenas as mulheres que gostavam de escutar o rádio, os homens também, e que após o jantar sempre aparecia alguma visita com essa intenção.

D. Inês afirmou que naquele período, o rádio aproximava as pessoas, recordou-se que quando saia para fazer compras nas “vendas”, geralmente as pessoas comentavam tal como hoje, o que havia acontecido no capítulo anterior nas radionovelas.

Seguindo sua fala, podemos afirmar que o rádio também estreitava os laços afetivos entre os radiouvintes, já que muitas pessoas se aproximavam umas das outras, inicialmente para ouvir, conversar a respeito do que ouviam nas rádios e, sobretudo para discorrer dos acontecimentos das histórias das radionovelas que eram amplamente ouvidas. Frente a estes debates as pessoas acabavam se posicionando segundo o seu ponto de vista, crenças e costumes.

Alguns teóricos (LLOSA,1996; MARTIN-BARBERO,1997; DÂNGELO,2001;) também partilham dessa proposição, afirmando que era freqüente as pessoas se reunirem na casa dos amigos para escutar as histórias, contar “causos”, bater papo, realizar brincadeiras, comunicarem-se, diferentemente da forma como acontece hoje em dia.

Ao falar a respeito da radionovela preferida, D. Inês lembrou-se que muitas pessoas escutaram a radionovela chamada “Direito de Nascer”. Apesar de escutar várias radionovelas locais, alegou que, para ela, a mais significativa foi “Direito de Nascer”, mesmo porque a mesma, após um certo tempo, foi encenada na televisão. Contudo, D. Inês considerou que na televisão essa novela não atraiu a sua atenção, já que, quando ouvia o rádio criava as imagens dos personagens, e quando essa radionovela foi encenada na televisão, os personagens que ela

outrora havia criado em sua imaginação não correspondiam aos atores da televisão, e tudo se tornava sem sentido.

Para ela a sonoplastia era bem produzida e ninguém sabia realmente como aqueles sons eram produzidos. Mencionou que se lembra até hoje do choro da criança da radionovela “Direito de Nascer”. Escutava o choro, o barulho dos cavalos no meio do mato, entre outros.

As recordações de nossa entrevistada sobre essa radionovela são muito ricas e interessantes, pois lhe permitiram inclusive descrever os barulhos e sons. Alegou que esta radionovela foi a mais importante na vida dela, e foi capaz de resumir a história em poucas palavras, e sempre enfatizando o quanto foi emocionante.

Na medida em que D. Inês foi falando percebemos que ela se esforçava para se lembrar do nome de um programa que ela também gostava muito, e acabou recordando: “Jerônimo, o Herói do Sertão”. Disse que esse programa passava na Rádio Nacional.

“sentia uma coisa muito viva, era muito interessante escutar o Jerônimo andar a cavalo no meio do mato, era tão emocionante, parecia que era mais emocionante do que hoje, eu não vejo sentido nas novelas, aquela Kubanacan foi uma bobeira.”

Relatou o quanto era importante o modo como eles sugeriam os acontecimentos, fazendo os radiouvintes perderem a respiração. Contou como as radionovelas eram narradas, e como as pessoas se interessavam por elas. As mulheres ficavam bordando, fazendo planos para o futuro e tudo era muito diferente, segundo D. Inês. Afirmar também que o rádio adquiria um sentido de “companheiro” para a mulher, que quase sempre ficava sozinha em casa.

Disse que não se lembrava de nomes de atores, mas que recordava do personagem, do avô da criança do Direito de Nascer, e do Jerônimo. Quando nossa entrevistada começou a lembrar dos personagens, confessou que as pessoas criavam a imagem do personagem. Para ela, cada um era de uma

maneira, cada um tinha um rosto, um corpo. Ela, enquanto ouvinte, dava formas para todos os seus personagens quando escutava a radionovela.

“o que eu mais gostava era que as radionovelas traziam histórias do campo, do mundo rural, do mato onde tinha cobra que picava as pessoas e o Jerônimo vinha para salvar as pessoas, por isso ele era o herói do sertão e ele tinha uma vozeirona forte de machão que eu amava...ele usava uma linguagem típica do lugar de homem bravo...e isso chamava muito atenção era muito bem feita a sonoplastia...canta...aonde havia o perigo vem o herói me salvar Jerônimo o herói do sertão...”

A função das mulheres naquela época, segundo D. Inês, era a de ficar em casa, pois as mulheres não trabalhavam fora de casa. A minoria que trabalhava fora de casa, ia para um escritório junto do pai ou marido, em loja, ou dava aula. Não era permitido que as mulheres saíssem desacompanhadas, e esse cotidiano levava as mulheres a ouvirem muito aos programas de radionovelas.

Sobre as radionovelas nossa entrevistada declarou que:

As radionovelas incutiam de um lado como as mulheres deveriam agir, comportar, por outro lado havia também aquela mulher que traía, que não era submissa, que questionava as ordens do marido, ou do pai, que exigia seus direitos e eu acredito que através desses questionamentos nas radionovelas as mulheres foram exigindo e reclamando mais os seus direitos. Foram ganhando espaço, pois nós também imitávamos os nossos ídolos e ou personagens copiávamos as roupas etc tal como hoje.

Percebemos aqui que as radionovelas colaboraram com a mudança do papel da mulher na sociedade, pois à medida que apresentara uma mulher com o seu papel voltado para as funções do lar; apresentava também mulheres com uma outra postura diante da sociedade: mulheres decididas, independentes, autônomas, e que começavam a concorrer com os homens no mercado de trabalho.

D.Inês disse que havia muitos programas locais que ela também ouvia, tais como os programas de dicas, de como arrumar a casa, de truques para solucionar algum problema. Ou seja, as temáticas giravam em torno do universo feminino, já que a mulher era muito dependente, e suas funções estavam voltadas para cuidar da casa, do marido, dos filhos, e ela era a principal ouvinte. Os programas

iniciavam com chamamentos para as mulheres, na tentativa de atrair o maior número possível de radiouvintes. Isso é confirmado pelo arquivo de Dantas Ruas, o qual possui vários *scripts* de radionovelas da década de 1940 até 1960, entre as quais:

Rádio Educadora LTDA

Programa: Quando a família se reúne

Patrocínio: Manteiga Cabeça de Touro

Dias da semana: terças

Número: 01

BREDER – Cuidado Mulher, que estou lhe apresentando ao público, de hoje em diante estará conosco, vivendo as nossas alegrias e nossas tristezas...

GARDA – Que história é esta? Não estou entendendo...

BREDER/ GARDA – Disculpe! Ermengarda, nós estamos falando no rádio. Olha aí. Está vendo este negócio aqui em sua frente, de forma retangular?

GARDA – Estou, que negócio é este?

BREDER – **É um microfone que a Educadora, por conta da Manteiga cabeça de Touro mandou instalar em nossa casa.**

GARDA – Quer dizer que eu estou falando na rádio?

BREDER – Claro...

GARDA – Então deixa-me ir preparar. Você sempre fazendo as coisas amalucadas. Preciso pelo menos pentear os cabelos e vestir aquele vestido novo de bolinhas que D. Judite me deu como, presente de aniversário...

BREDER – **Não é preciso, Garda. Isto é rádio, não é televisão...**

GARDA – Você é mesmo um desastrado, nunca se preocupou com a minha aparência física.

BREDER – Vocês ouvintes, não se assustem com as broncas de minha esposa. Ela é assim mesmo, mas no fundo é uma criatura excepcional: **boa dona de casa, mãe amantíssima e companheira excelente...**

GARDA – Não queria me tapear com elogios. Já estou habituada a ouvir estas conversas a mais de vinte anos...

BREDER – Ah! Vinte anos você lembra do dia de nosso casamento?

GARDA – Como não hei de lembrar, se foi a maior besteira que fiz...

BREDER – Não diga assim, Garda! O que vão pensar os ouvintes...⁴³

Neste diálogo, em forma de propaganda, percebemos a tentativa por parte do casal de simular um ambiente cotidiano, pois os radioatores tentam simular que estão encenando a peça dentro da própria casa, fornecendo-nos elementos para compreender os comportamentos da época. Observamos como deveria ser desempenhado o papel da mulher, “**boa dona de casa, mãe amantíssima e companheira excelente**”.

Em outro exemplar verificamos o formato e a duração:

- **NOVELINHA DA SEMANA**⁴⁴

Total de 15 programas

Horário: 15:35 (tempo) 15 minutos

Capítulos: 05 de curta duração

Produzidas por: Dantas Ruas.

Todas as semanas estaremos apresentando para vocês, uma novelinha em 3 capítulos as segundas, quartas e sextas. São histórias simples, mas humanas, onde os personagens marionetes do imenso palco da vida, movidas pelos cordéis do destino, viverão as emoções todas que podem conter um coração humano.

⁴³ Acervo Dantas Ruas, data 1960, Programa: Quando a Família se Reúne, irradiado todas as terças-feiras.

⁴⁴ Acervo Dantas Ruas, aproximadamente 1960

- “Meu Filho” (03 capítulos)
- “O Baile de Máscaras” (05 capítulos)
- “Devo recebê-la de volta?” (02 capítulos).
- “O pecado de uma consciência” (03 capítulos).

- **BOA TARDE MINHA OUVINTE**

Novelinha da Semana

Patrocínio: Margonari S/A

Horário: 17h05

Produzido por Dantas Ruas, Wilma Giovanni, Magda Santos Anália Costa

Títulos:

- “Chantagem”(03 capítulos)
- “Alma Ferida”(03 capítulos)
- “Eu não posso amar”(03 capítulos)
- “Trágica Mentira”(04 capítulos)
- “O pecado de uma consciência” (01 capítulo)
- “Sagrado dilema” (03 capítulos)
- “E o sol brilhou dentro da noite” (03 capítulos)
- “A felicidade que volta” (03 capítulos)
- “Sangue na lua” (03 capítulos)
- “Uma luz no passado” (03 capítulos)

- Teatrinho de Bolso – Rádio Educadora – sem data – 01 episódio

“Amor de Outono” – 04 páginas.

- “ Minha querida companheira de todas as noites” – 7 programas (radionovela)

Eles plantaram para nós - (radionovela)

TEATRINHO DO SONHO – 1960

Patrocínio: Margonari S/A

Horário: Boa tarde minha ouvinte

Parocínio: s/ indicação

Produzido por: Marcus Vinícius

Título: “Se é pecado que o Céu me condene”

Locutor – E neste horário, dentro de boa tarde minha ouvinte a rádio, num original de Marcus Vinícius, faz chegar até o seu receptor

Técnica – entra prefixo caindo B.G

Locutor– “O Teatrinho do Sonho”

Técnica –sobe prefixo caindo B.G

Locutor– a história é sempre a mesma, ou melhor, se repete sempre. Fatos da vida cotidiana serão aqui tratados de forma séria, sóbria ou mesmo humorística. Como nos velhos filmes americanos, qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas, é simples coincidência. Vamos então ao nosso programa de hoje: “Se é pecado que o Céu me condene”. Ao abirmos o velário, Roberto, a cabeça já começando a tigrir de neve, relê velhas cartas...

Técnica –sobe prefixo ligando com música triste

Roberto— o tempo tem poder de tudo destruir e naturalmente você irá me esquecer..

A maioria dos *scripts* encontrados no arquivo de Dantas Ruas são histórias que retiram elementos dos Folhetins, pois a relação estabelecida das radionovelas e do Folhetim com o mundo real é muito forte.

As radionovelas se apropriaram dessas histórias. Carregadas de mistérios, do acaso, da fatalidade, do imprevisível, constituem-se de tramas e temas relacionados à miséria humana, aventuras, justiças, fugas, buscas, deambulações, falsas identidades, servidão, prisão, prostituição, perda de memória, loucura, casamentos forçados, traições, reabilitação de doentes, crianças, casamentos, recuperação da honra perdida, reencontro de mãe e filho, macetes, vilanias, mestres em disfarces, corrupção da inocência, romances dos dramas da vida, romances da heroína, romances dos crimes de amor e outras histórias que fazem parte da vida real das pessoas.

Tal como afirmou certa vez o poeta Graciliano Ramos a respeito dos Folhetins: “Eu precisava ler, não os compêndios escolares, insossos, mas, aventuras, justiça, amor vinganças” .

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Assim como afirma Benjamim(1994) “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e elas se perdem quando não são mais conservadas ” (p.205) Por isso, contamos as histórias das radionovelas, pois acreditamos que elas não devem ser esquecidas, além disso, fizeram parte da vida de muitas pessoas, constituíram alimento precioso para a alma desses sujeitos. E, sobretudo, porque consideramos fundamental resgatarmos a vida desses sujeitos que tiveram suas experiências negadas pela história. Dessa forma, este trabalho foi de fundamental importância na medida em que resgatou não só a história de vida dessas pessoas como também a história cultural daquela época.

Entretanto, o fato de não existirem acervos de peças gravadas e nenhum radioator e radioatriz terem sido localizados, dificultou as reflexões acerca da produção dramática. Além disso, durante a realização deste estudo, o acervo estava em processo de organização e fechado ao público. Isto contribuiu para a falta de maiores informações sobre as radionovelas e muitas fontes não puderam ser aprofundadas. Sendo assim, em uma nova oportunidade outros estudos poderão ser realizados em que os dados poderão ser acrescidos e abertas novas discussões sobre o tema. Outra dificuldade encontrada foi localizar as pessoas que viveram naquela época e fizeram parte da história das radionovelas. Muitas já haviam falecido, outras por motivos pessoais se recusaram a participar das entrevistas e muitas não foram encontradas.

Acreditamos que nossos depoentes que vivenciaram a época das radionovelas foram personagens ativos na medida em que estavam inseridos num meio sociocultural afirmando suas opiniões e os valores culturais já assentados. Assim como aconteceu amplamente nas radionovelas, as pessoas escreviam cartas, telefonavam para os produtores fazendo pedidos de alterações dos personagens ou para que houvesse mudanças no destino destes, os fãs-clubes também expressavam sentimentos de identificação ou repulsa em relação a algum personagem das radionovelas.

Conclui-se portanto que as radionovelas só fizeram sucesso naquela época, porque as pessoas se identificavam com aqueles personagens e com aquelas histórias representadas por meio do rádio. Devemos considerar que um fato só é importante na medida que faz sentido ao sujeito e ao seu ambiente, o que se viu representado pelas radionovelas, ou seja, essas pessoas ao se reconhecerem por meio dessa produção, mantinham uma ligação viva com ela.

FONTES

1 – Entrevistas

Sr. Osvaldo de Souza, locutor da rádio difusora entre 1940 e 1942, fazendeiro, aviador.

Idade: 84 anos

Entrevista realizada em março de 2003.

Tempo: 3 horas

Sr. Alfredo Tucci, técnico de rádio.

Idade: 78 anos

Entrevista realizada em Junho de 2003.

Tempo: 5 horas

D. Inês Fullin – ouvinte de rádio, e fã de radionovelas

Idade: 74 anos

Entrevista realizada em novembro de 2004.

Tempo: 4 horas

2 – Jornais e Revistas - 1940/1960

Revista Uberlândia Ilustrada

Revista Elite Magazine

Revista Sereia

Revista do Rádio

Jornal a Reforma

Jornal Triângulo de Uberlândia

Jornal da Livaria Cosmos

Jornal Correio de Uberlândia

3 – Gravações

Cd De Mim para você (Crônicas lidas ao microfone por Dantas Ruas)

4 – Material da Coleção do Acervo de Dantas Ruas

Cônicas escritas e lidas ao microfone da rádio Educadora.

Scripts de novelas de rádio e de televisão, cartas de ouvintes, *scripts* de programas de estúdios

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1986.

ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. “Indústria Cultural e o Iluminismo como mistificação de massas” In: **Teoria da cultura de Massa**. Introdução, comentários e seleção Luis Costa Lima. 4ed. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 4ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de História”, in: *Magia e técnica, arte e política*. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BURKE, Peter. **A arte da conversação**. São Paulo: Edusp, 1995.

_____. **A cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

CIRESE, A . M . “*Ensayos sobre las culturas subalternas*”, em *Cuadernos de la Casa Chata*. Cidade do México: 1980

DÂNGELO, Newton. **Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio – Uberlândia – 1939/1970**. Doutorado-História, PUC/São Paulo, 2001.

FANUCCHIO, Mário. **Dossiê 80 anos de rádio**, Revista USP, São Paulo, nº 56 dezembro./fevereiro 2002-2003.

GARCIA CANCLINI, N. *Las Culturas populares en el capitalismo*. Cidade do México: Nueva Imagen, 1982.

GINZBURG, Carlo. **Mitos Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GLABER, Neal. **Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade**. São Paulo, Cia da Letras, 1999.

GRAMSCI, A. **Cultura e Literatura**. Barcelona: Península, 1977.

LOBATO, Monteiro. **JECATATUZINHO**. 3 ed., São Paulo: Bloch Editores, 1971.

LLOSA, Mario Vargas. **Tia Júlia e o escrivinhador**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

MEYER, Marlise. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

NOVAIS, Flavio. **História da vida privada no Brasil**. – volume 4, São Paulo: Cia Letras 1991.

OROZ, Silvia. **Melodrama: O cinema de lágrimas da América Latina**. Rio de Janeiro: editora Rio Fundo, 1992.

PESSANHA, José Américo Motta, **Platão - Defesa de Sócrates** – 5ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção Os pensadores.

PRADO, Décio de Almeida. **História Concisa do Teatro Brasileiro: 1570-1908**. São Paulo: Editora da USP, 1999.

SAMUEL, Rafael. **“História local e História oral”**, In: REVISTA Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco zero, v.9, nº19, set.89/fev.90. (História em Quadro Negro).

THOMPSON, E. P. **Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **A formação da Classe Operária Inglesa II**. Paz e Terra, 1960

_____. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1974.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.